

PALESTRAS SOBRE BHAKTI-YOGA

DE

SWAMI VIVEKANANDA



PALESTRAS SOBRE BHAKTI-YOGA

A PREPARAÇÃO

A melhor definição dada para **BHAKTI-YOGA** esteja talvez, corporificada neste verso: ***“Possa este amor imorredouro que os faltos de discernimento têm pelos objetos fugazes dos sentidos nunca deixar este meu coração - eu, que procuro por Ti!”*** Nós percebemos como é forte o amor que o homem, que não conhecendo nada melhor, tem pelos objetos dos sentidos, pelo dinheiro, roupas, suas esposas, filhos, amigos e posses. Que tremendo pendor eles têm por todas estas coisas! Então, na oração acima o sábio diz ***“Eu terei este apego, este tremendo pendor, somente por Ti”***. Este amor, quando dado a Deus é chamado Bhakti. Bhakti não é destrutivo; nos ensina que nenhuma das faculdades que possuímos nos foi dada em vão, que nelas está o caminho natural para a libertação. Bhakti não aniquila as nossas tendências, não vai contra a natureza, mas somente lhe dá uma direção mais alta e mais poderosa. Quão naturalmente nós amamos os objetos dos sentidos! Não podemos agir de forma diferente, por que eles são reais demais para nós. Nós, comumente, não vemos nada real sobre as coisas superiores, mas quando um homem vê algo real além dos sentidos, além do universo dos sentidos, a idéia é que ele pode ter um forte apego, porém que este deve ser transferido para o objeto além dos sentidos, que é Deus. E quando o mesmo tipo de amor que antes havia sido dado aos objetos dos sentidos for dado a Deus, ele será chamado Bhakti. De acordo com o sábio Râmânua, são os seguintes os preparativos para obter este amor intenso:

O primeiro é Viveka. É algo muito curioso, especialmente para os ocidentais. Significa, de acordo com Râmânua, “discriminação de alimento”. O alimento contém todas as energias necessárias para fabricar as forças de nosso corpo e mente; foi transferido, conservado e redirecionado em meu corpo, mas meu corpo e mente não possuem nada essencialmente diferente do alimento que eu ingiro. Assim como a força e a matéria que encontramos no mundo material transformam-se em corpo e mente em nós, então, essencialmente, a diferença entre corpo e mente e o alimento que ingerimos é somente de manifestação. Sendo assim, é a partir das partículas materiais de nosso alimento que construímos o instrumento

do pensamento, e das formas mais sutis encerradas nestas partículas é que construímos o pensamento em si; segue-se naturalmente, que ambos, o pensamento e o instrumento, serão modificados pelo alimento que ingerirmos. Existem certos tipos de alimento que produzem uma determinada mudança na mente; nós percebemos isto todos os dias. Existem outros tipos que produzem uma mudança no corpo, e em longo prazo têm um tremendo efeito na mente. É uma coisa grande a se aprender; uma grande parte da miséria que sofremos é ocasionada pelo alimento que ingerimos. Você percebe que após uma refeição pesada e indigesta é muito difícil controlar a mente; ela fica funcionando, funcionando o tempo todo. Existem certos alimentos que são excitantes; se você ingerir tal alimento, você descobrirá que não pode controlar a mente. É óbvio que após beber uma grande quantidade de vinho, ou outra bebida alcoólica, um homem descobre que sua mente não pode ser controlada; ela foge do seu controle.

De acordo com Râmânuja, existem três coisas no alimento que devemos evitar. Primeira, existe Jâti, a natureza, ou espécies de alimentos que devem ser consideradas. Todos os alimentos excitantes devem ser evitados, como a carne, por exemplo; esta não deveria ser ingerida por ser impura por sua própria natureza. Somente podemos obtê-la tirando a vida de outro ser. Obtemos prazer por um momento, e outra criatura tem que desistir de sua vida para nos dar este prazer. Além disto, desmoralizamos outros seres humanos. Seria preferível que cada homem que comesse carne pudesse matar o animal ele mesmo; mas, ao invés de fazer isto, a sociedade possui uma classe de pessoas para fazer este trabalho por eles, pelo qual os odeiam. Na Inglaterra nenhum açougueiro pode atuar em um júri, a idéia é que ele é cruel por natureza. Quem o fez cruel? A sociedade. Se não comêssemos bife e carne de carneiro, não haveria açougueiros. Comer carne é permitido somente para as pessoas que fazem trabalho muito pesado, e que não pretendem ser Bhaktas; mas se vocês pretendem ser Bhaktas, vocês devem evitar carne. Também, todos os alimentos excitantes, tais como cebola, alho e todos os alimentos de aroma forte, tal como chucrute. Qualquer alimento que tenha ficado exposto por dias, até ter sua condição alterada, qualquer comida cujos sucos naturais tenham sido totalmente drenados e qualquer alimento malcheiroso, devem ser evitados.

A próxima coisa a ser considerada no que diz respeito ao alimento é ainda mais intrincada para as mentes ocidentais - é o que é chamado Âshraya, ou seja, a pessoa da qual ele provém. Esta é uma teoria um tanto misteriosa dos Hindus. A idéia é que cada homem tem certa aura ao seu redor, e qualquer coisa que ele toque, uma parte do seu caráter, ou sua influência, por assim dizer, é deixada nela. Supostamente, o caráter do homem emana dele, por assim dizer, como uma força física, e o que quer que ele toque é afetado por ele. Portanto, devemos tomar cuidado com quem toca a nossa comida quando ela é preparada; uma pessoa perversa ou imoral não deve tocá-la. Aquele que quer ser um Bhakta não deve sentar-se à mesa com pessoas sabidamente perversas, porque a sua influência virá através da comida.

A outra forma de pureza a ser observada é Nimitta ou instrumentos. Sujeira e poeira não devem estar presentes no alimento. O alimento não deve ser trazido do mercado e colocado à mesa sem ser lavado. Devemos tomar cuidado também com a saliva e outras secreções. Os lábios não devem, em hipótese alguma, ser tocados com os dedos. A membrana mucosa é a parte mais delicada do corpo, e todas as tendências são facilmente transportadas pela saliva. O seu contato, portanto, deve ser considerado não somente ofensivo, mas também perigoso. Além disto, não devemos ingerir alimento, metade do qual tenha sido comido por outra pessoa. Quando estas coisas são evitadas no alimento, ele torna-se puro; alimento puro traz uma mente pura, e em uma mente pura está uma constante lembrança de Deus.

Deixe-me dizer-lhes a mesma coisa, explicada por outro comentador, Shankarâchârya, que toma outro ponto de vista. A palavra para alimento, em Sânscrito, é derivada da raiz, significando “reunir”. Âhâra significa “reunido em”. Qual é a sua explicação? Ele diz na passagem “quando o alimento for puro a mente tornar-se-á pura”, na verdade, significa que, para que não fiquemos sujeitos aos sentidos, devemos evitar o seguinte: primeiro, sobre o apego: não devemos ser extremamente apegados a nada, exceto a Deus. Veja tudo, faça tudo, mas não se apegue. Assim que o extremo apego vem, o homem se perde, ele não é mais mestre de si mesmo, ele é um escravo. Se uma mulher for tremendamente apegada a um homem,

ela se torna uma escrava dele. Não existe nenhuma vantagem em ser um escravo. Existem coisas maiores para um ser humano neste mundo que se tornar um escravo. Ame e faça o bem a todos, mas não se torne um escravo. Em primeiro lugar, o apego nos degenera individualmente, e em segundo lugar, torna-nos extremamente egoístas. Devido a esta deficiência, queremos ofender os outros para fazer o bem para aqueles que amamos. Uma grande parte dos atos de perversidade feitos neste mundo, são na realidade derivados do apego a certas pessoas. Assim, todo o apego, exceto aquele pelos trabalhos do bem, deve ser evitado; mas o amor deve ser dado a todos. Agora, sobre a inveja: não deveria haver nenhuma inveja no que diz respeito aos objetos dos sentidos; inveja é a raiz de todo o mal, e algo muito difícil de vencer. Depois, ilusão: nós sempre tomamos uma coisa por outra, e agimos com base nisto, trazendo miséria para nós mesmos. Nós tomamos o mal pelo bem. Tudo o que tilita nossos nervos por um momento, julgamos como o mais alto bem, e mergulhamos nele imediatamente, mas descobrimos, quando é muito tarde, que nos deu um tremendo golpe. Nós incorremos neste erro todos os dias, e, freqüentemente, continuamos nele em toda a nossa vida. Quando os sentidos, sem extremo apego, sem inveja ou ilusão trabalham no mundo, tal trabalho ou coleção de impressões é chamado de alimento puro, de acordo com Shankarâchârya. Quando o alimento puro é ingerido, a mente está apta a tomar os objetos e pensar neles sem nenhum apego, inveja ou ilusão; então, a mente torna-se pura e a lembrança constante de Deus está naquela mente.

É bastante natural pensar que o significado de Shankara é o melhor, mas eu desejo acrescentar que não devemos negligenciar a interpretação de Râmânua. Somente quando você tomar conta do verdadeiro alimento material que o restante virá. É verdade que a mente é a mestra, mas poucos de nós não estão ligados aos sentidos. Somos todos controlados pela matéria, e enquanto formos assim controlados, devemos tomar amparos materiais; e então, quando nos tivermos tornado fortes, poderemos comer ou beber qualquer coisa que queiramos. Temos que seguir o conselho de Râmânua em tomar cuidado com o alimento e a bebida, ao mesmo tempo em que devemos tomar cuidado com nosso alimento mental. É muito fácil cuidar do alimento material, mas o trabalho mental deve vir junto; então, gradualmente, o nosso “eu” espiritual irá tornar-se mais e mais forte, e o

“eu” físico menos assertivo. Assim, o alimento não irá mais feri-lo. O maior perigo é que todo homem quer pular no mais alto ideal, mas pular não é o caminho. Isto termina somente em queda. Nós estamos ligados aqui em baixo, e temos que quebrar nossos grilhões vagarosamente. Isto é chamado Viveka, discernimento.

O próximo é chamado Vimoka, liberdade dos desejos. Aquele que deseja amar a Deus deve livrar-se de desejos extremos; não desejar nada além de Deus. Este mundo só é bom enquanto nos ajuda a ir para um mundo mais alto. Os objetos dos sentidos são bons somente enquanto nos ajudam a alcançar objetos mais altos. Nós sempre esquecemos que este mundo é um meio para o fim, e não um fim em si mesmo. Se isto fosse o fim, deveríamos ser imortais aqui em nosso corpo físico; não deveríamos morrer nunca. Mas nós vemos pessoas a cada momento, morrendo ao nosso redor e, ainda, tolamente, pensamos que não iremos morrer nunca; e a partir desta convicção pensamos que esta vida é a meta. Este é o caso com noventa e nove por cento de nós. Devemos desistir desta noção de uma vez. Este mundo só é bom enquanto for um meio para nos aperfeiçoarmos; e, assim, o cessar de ser será mal. Assim, esposa, marido, filhos, dinheiro e aprendizado são bons somente enquanto nos auxiliam a ir em frente; mas assim que cessam de fazer isto, eles não são nada além do mal. Se a esposa ajuda a alcançar a Deus, então ela é uma boa esposa; assim é com um marido ou um filho. Se o dinheiro ajuda o homem a fazer o bem aos outros, ele é de algum valor; mas se não ajuda, ele é simplesmente uma massa de mal, e quanto mais rápido nos livrarmos dele, melhor.

O próximo é Abhyâsa, prática. A mente deve ir sempre em direção a Deus. Nada tem o direito de impedi-la. Ela deve continuamente pensar em Deus e, embora seja uma tarefa difícil, pode ser conseguida pela prática persistente. O que somos agora é o resultado de nossa prática passada. Além disto, a prática nos torna aquilo que devemos ser. Portanto, pratique-a de outra forma; um tipo de volta trouxe-nos a este caminho, tome o outro lado e saia daqui o mais rápido possível. Pensar nos sentidos nos trouxe até aqui embaixo para sermos- para chorar em um momento e regozijar-se em seguida, para estar à mercê de cada brisa, escravos de tudo. Isto é vergonhoso e, ainda assim, chamamos a nós mesmos de espíritos. Vá

noutra direção. Pense em Deus; não deixe sua mente pensar em qualquer divertimento físico ou mental, mas somente em Deus. Quando ela tentar pensar em algo mais, dê-lhe uma boa sacudida, de modo que ela possa virar-se e pensar em Deus. Assim como o óleo vertido de uma jarra para outra cai em uma linha contínua, assim como o repicar dos sinos ouvido de uma longa distância soa aos ouvidos como um som contínuo, assim deve a mente fluir em direção a Deus, em uma corrente contínua. Não devemos impor esta prática somente à mente, mas os sentidos também devem ser empregados. Ao invés de ouvirmos coisas tolas, devemos ouvir sempre sobre Deus; ao invés de falar palavras tolas, nós devemos falar de Deus. Ao invés de lermos livros tolos devemos ler aqueles que nos falam de Deus.

A grande ajuda a esta prática de manter Deus na lembrança é, talvez, a música. O Senhor diz para Nârada, o grande mestre de Bhakti, ***“Eu não vivo no paraíso, nem no coração do Yogue, mas onde os meus devotos cantam a Minha Glória, lá estou eu”***. A música tem um poder tremendo sobre a mente humana; ela a traz para a concentração em um momento. Você vai descobrir que quando seres humanos estúpidos e ignorantes, que jamais haviam parado suas mentes por um único momento, ouvem música atraente, eles imediatamente tornam-se encantados e concentrados. Até mesmo a mente dos animais, tais como cachorros, leões, gatos e serpentes encantam-se com a música.

O próximo é Kriyâ, trabalho - fazer bem aos outros. A lembrança de Deus não virá ao homem egoísta. Quanto mais fizermos bem aos outros, mais nossos corações serão purificados, e Deus estará neles. De acordo com nossas escrituras, existem cinco tipos de trabalho, chamados os cinco grandes sacrifícios. Primeiro, o estudo. Um homem deve estudar uma coisa sagrada e boa todo dia. Segundo, o culto de Deus, anjos ou santos. Terceiro, nosso dever com nossos antepassados. Quarto, nosso dever com os seres humanos. O homem não tem o direito de viver em uma casa até que tenha construído uma casa para os pobres também, ou para alguém que precise. A casa do senhorio deve ser aberta para todos que sejam pobres e sofredores; então ele será um verdadeiro senhorio. Se ele construir uma casa somente para ele e sua esposa desfrutarem, ele nunca será um amante de Deus. Nenhum homem tem o direito de cozinhar somente para si

mesmo, e sim para os outros; e ele deve comer o que sobrar. É prática comum na Índia, quando a primeira colheita chega ao mercado, tais como morangos ou mangas, um homem compra alguns e os dá aos pobres; então, ele come delas; e é um exemplo muito bom a ser seguido neste país. Este treinamento tornará o homem desprendido e ao mesmo tempo será uma excelente lição para sua esposa e filhos. Nos tempos antigos, os Hebreus costumavam oferecer as primeiras frutas a Deus. O primeiro de cada coisa deveria ser dado aos pobres; temos direito somente ao que resta. Os pobres são os representantes de Deus; qualquer um que sofra é seu representante. Sem dar, aquele que come e aprecia comer, experimenta o pecado. Quinto, nossa tarefa para os animais menores. É demoníaco dizer que todos os animais são criados para o homem para serem mortos e utilizados da forma como lhes convier. Este é o evangelho do demônio, não de Deus. Pense como é demoníaco cortar-lhes uma determinada parte do corpo para ver se um nervo estremece ou não. Eu estou contente que em nosso país tais coisas não são toleradas pelos Hindus, a despeito dos encorajamentos que eles recebem dos governos estrangeiros a que estão submetidos. Uma parte da comida preparada em uma casa pertence aos animais também. Eles também devem ser alimentados; deve haver hospitais em cada cidade neste país para os cavalos cegos, coxos e pobres, vacas, cachorros e gatos, onde eles devem ser alimentados e cuidados.

Também existe Kalyâna, pureza que consiste do seguinte: Satya, veracidade. Aquele que é verdadeiro, nele a verdade de Deus virá. O pensamento, palavra e ação devem ser perfeitamente verdadeiros. Próximo Ârjava, honestidade, retidão. A palavra significa “ser simples”, sem tortuosidade no coração, sem “jogo duplo”. Mesmo se for um pouco difícil, vá honestamente, e não tortuosamente. Dayâ, pena, compaixão. Ahimsâ, não injuriar nenhum ser pelo pensamento, palavra ou ato. Dâna, caridade. Não existe virtude maior do que a caridade. O mais baixo dos homens é aquele cuja mão é aberta ao receber; e o mais alto dos homens é aquele cuja mão é aberta ao dar. A mão foi feita para doar sempre. Dê o último pedaço de pão que você tiver, mesmo que você estiver morrendo de fome. Você se libertará em um instante se você morrer de fome para dar aos outros. Imediatamente você será perfeito, você se tornará Deus. As pessoas que têm filhos já são apegadas. Elas não podem dar. Elas querem gozar seus filhos, e devem pagar por isto. Não existem crianças suficientes no

mundo? É somente o egoísmo que diz, “eu terei um filho para mim mesmo”.

O próximo passo é Anavasâda - não desanimar, ter boa disposição. Desânimo não é religião ou o que mais quer que possa ser. Ser agradável e sorridente trar-lhe-á mais perto de Deus, mais perto que qualquer oração. Como podem estas mentes lúgubres e melancólicas amar? Se eles falam de amor, é falso; eles querem magoar os outros. Pense nos fanáticos: eles fazem cara feia e toda a religião deles é lutar contra os outros em palavra e ação. Pense no que eles fizeram no passado, e no que eles fariam se lhes fosse dada uma oportunidade. Eles submergiriam o mundo em sangue amanhã mesmo se isto lhes trouxesse poder. Ao adorar o poder e fazer caras feias, eles perdem cada pouquinho de amor em seus corações. Assim, o homem que sempre se sente miserável não irá até Deus. Não é religião, é demonismo dizer “Eu sou tão miserável”. Todo homem tem seu próprio fardo para suportar. Se você for miserável, tente ser feliz, tente vencer.

Deus não será alcançado pelos fracos. Nunca seja fraco. Você deve ser forte, há uma força infinita dentro de você. De que outra forma você conquistará qualquer coisa? De que outra forma você irá até Deus? Ao mesmo tempo você deve evitar divertimentos excessivos, Uddharsha, como é chamado. Uma mente neste estado nunca se torna calma; ela se torna inconstante. Excessivo divertimento será seguido de tristeza. Lágrimas e risos são parentes próximos. As pessoas tão freqüentemente correm de um extremo a outro. Deixe a mente estar alegre, porém calma. Nunca a deixe incorrer em excessos, porque cada excesso será seguido de uma reação.

Estes são, de acordo com Râmânuja, os preparativos para Bhakti.

OS PRIMEIROS PASSOS

Os filósofos que escreveram sobre Bhakti definiram-na como um extremo amor por Deus. Por que um homem deve amar a Deus é a questão a ser resolvida; e até que entendamos isto, não estaremos, de qualquer modo, aptos a compreender o assunto. Existem dois ideais de vida inteiramente diferentes. Um homem de qualquer país que tenha qualquer religião sabe que ele é um corpo e também um espírito. Mas existe uma grande diferença no que diz respeito ao objetivo da vida humana.

Nos países ocidentais, geralmente, as pessoas dão mais ênfase ao aspecto corporal do homem; aqueles filósofos que escreveram sobre Bhakti na Índia enfatizaram o lado espiritual do homem; e esta diferença parece ser típica das nações Orientais e Ocidentais. Isto fica patente na linguagem corrente. Na Inglaterra, quando se fala de morte, é dito que um homem entregou o espírito; na Índia, um homem entregou o seu corpo. A primeira idéia é de que o homem *é* um corpo e *tem* uma alma; a outra, que o homem *é* uma alma e *tem* um corpo. Problemas mais intrincados surgem daí. Segue-se naturalmente que o ideal que prega que o homem *é* um corpo e *tem* uma alma, coloca toda a ênfase no corpo. Se você pergunta por que o homem vive, ser-lhe-á dito que é para gozar os sentidos, para gozar as possessões e a riqueza. Ele não pode sonhar nada mais além disto, mesmo que lhe digam; sua idéia de vida futura seria uma continuação deste gozo. Ele fica muito triste porque não pode permanecer o tempo todo aqui e tem que partir; e ele pensa que, de uma forma ou de outra, ele irá para algum lugar onde a mesma coisa será renovada. Ele terá os mesmos gozos, os mesmos sentidos, somente aumentados e reforçados. Ele quer adorar a Deus porque Deus é um meio para atingir este fim. O objetivo de sua vida é o gozo dos objetos dos sentidos, e ele vem a saber que existe um Ser que pode render-lhe um longo período destes gozos, e é por isto que ele adora a Deus.

Por outro lado, a idéia Hindu é que Deus é o objetivo de sua vida; não existe nada além de Deus, e os gozos dos sentidos são simplesmente algo pelo qual estamos passando agora na esperança de obter coisas melhores. E não só por isto: seria desastroso e terrível se o homem não tivesse nada além do gozo dos sentidos. Em nossa vida diária descobrimos que quanto menores os gozos dos sentidos, maior é a vida do homem. Veja um cachorro quando ele come. Nenhum homem jamais comeu com a mesma satisfação. Observe o porco dando grunhidos de satisfação enquanto come; é o seu paraíso, e se o maior arcanjo viesse e o olhasse, o porco nem mesmo notá-lo-ia. Toda a sua existência está neste seu comer. Jamais nasceu um homem que pudesse comer deste jeito. Pense no poder de audição nos animais inferiores, o poder da visão; todos os sentidos deles são altamente desenvolvidos. Seu gozo dos sentidos é extremo; eles ficam simplesmente loucos com delícia e prazer. E quanto menor o homem,

também, mais deleite ele encontra nos sentidos. À medida que ele sobe mais alto, o objetivo torna-se razão e amor. Na proporção em que estas duas faculdades são desenvolvidas, ele perde o poder de gozar os sentidos.

Para fins de ilustração; se assumíssemos que uma determinada quantidade de poder fosse dada ao homem, e que isto pudesse ser despendido seja no corpo, na mente, ou no espírito, então qualquer poder despendido em algum destes deixaria muito menos para ser despendido nos outros. As raças ignorantes ou selvagens têm faculdades sensuais muito mais fortes que outras raças civilizadas, e esta é, de fato, uma das lições que aprendemos da história. Quando uma nação se torna civilizada, a organização nervosa torna-se mais fina, e eles tornam-se fisicamente mais fracos. Civilize uma raça selvagem, e você descobrirá a mesma coisa; outra raça de bárbaros vem e a conquista. É sempre a raça de bárbaros que conquista. Nós vemos então que se desejarmos somente o gozo dos sentidos todo o tempo, degradaremos-nos ao estado bruto. Um homem não sabe o que está pedindo quando diz que quer ir para um lugar onde o gozo dos sentidos será intensificado; isto ele pode ter somente descendo para os brutos.

Do mesmo modo acontece com os homens que desejam um paraíso cheio de prazeres dos sentidos. Eles são como suínos chafurdando no atoleiro, incapazes de ver qualquer coisa além. Este gozo dos sentidos é o que eles querem, e a perda disto é a perda do paraíso para eles. Estes não podem nunca ser Bhaktas no mais alto sentido da palavra; eles não podem nunca ser verdadeiros amantes de Deus. Ao mesmo tempo, embora este ideal mais baixo seja seguido por um tempo, irá também mudar no decorrer do tempo, todo homem irá descobrir que existe algo mais alto, do qual ele não sabia, e também este pendor para a vida e as coisas dos sentidos irá gradualmente desaparecer. Quando eu era um garotinho na escola, tive uma luta com um colega por causa de algumas guloseimas, e ele, sendo o mais forte, tomou-os de minha mão. Eu me lembro do sentimento que tive: pensei que ele fosse o garoto mais malvado já nascido, e que, assim que eu ficasse forte o suficiente eu o puniria; não havia punição suficiente para sua maldade. Nós estamos ambos crescidos agora, e somos muito amigos. Este mundo é cheio de bebês para os quais comer e beber e todas estas pequenas guloseimas são tudo. Eles sonharão com estas guloseimas, e sua

idéia de vida futura é onde estas guloseimas serão abundantes. Pense no Índio Americano que acredita que sua vida futura será em um lugar que seja um bom terreno de caça. Cada um de nós tem uma idéia do paraíso da forma como queremos que seja; mas com o decorrer do tempo, à medida que envelhecermos e virmos coisas maiores, teremos vislumbres mais altos. Mas não vamos prescindir de nossas idéias de vida futura, no modo comum dos tempos modernos, não acreditando em nada - isto é destruição. Assim, o agnóstico que destrói tudo está enganado. O Bhakta vê mais alto. O agnóstico não quer ir para o paraíso, porque ele não tem nenhum, enquanto o Bhakta não quer ir para o paraíso, porque ele acha que é um brinquedo de criança. O que ele quer é Deus.

O que pode ser o mais alto fim senão Deus? Deus em Si Mesmo é o mais alto objetivo do homem; vê-lo, apreciá-lo. Não podemos conceber nada mais alto porque Deus é perfeição. Não podemos conceber nenhum gozo mais alto do que este do amor, mas esta palavra amor tem muitos significados diferentes. Ela não significa o amor egoísta comum do mundo; é blasfêmia chamar isto de amor. O amor por nossos filhos e nossas esposas é mero amor animal; este amor que é perfeitamente abnegado é o único amor, e este é de Deus. É algo muito difícil de atingir. Estamos experimentando todos estes amores diferentes - amor pelos filhos, pai, mãe e assim por diante. Nós, vagarosamente, exercitamos a capacidade de amar; mas na maioria dos casos nunca aprendemos nada dela, ficamos ligados a algo, a uma pessoa. Em alguns casos os homens libertam-se desta servidão. Os homens estão sempre correndo atrás de esposas, riqueza e fama neste mundo; algumas vezes eles são mui duramente atingidos, e descobrem o que este mundo realmente é. Ninguém neste mundo pode realmente amar alguém além de Deus. O homem descobre que o amor humano é totalmente insincero. Os homens não podem amar, embora falem dele. A esposa diz que ama seu marido e beija-o; mas, assim que ele morre, a primeira coisa que ela pensa é sobre a conta bancária e o que fará no dia seguinte. O marido ama a esposa; mas quando ela fica doente e perde sua beleza ou torna-se intratável, ou comete um erro, ele pára de preocupar-se com ela. Todo o amor do mundo é hipocrisia e falsidade.

Um sujeito finito não pode amar, e tampouco um objeto finito pode ser amado. Enquanto o objeto do amor do homem estiver morrendo a cada

momento, e sua mente também estiver constantemente mudando à medida que ele envelhece, que amor eterno você poderá esperar encontrar no mundo? Não pode haver nenhum amor real a não ser em Deus... por que então todos estes amores? Eles são meras plataformas. Existe um poder por trás, impelindo-nos para frente e nós não sabemos onde procurar o verdadeiro objeto, mas este amor leva-nos para frente, à sua procura. Mais e mais nós descobrimos nosso engano. Agarramos algo, e descobrimo-lo escorregando pelos nossos dedos, e então agarramos algo mais. Assim vamos, até que por fim vem a luz; nós vamos até Deus, o único que ama. O seu amor não conhece nenhuma mudança e está sempre pronto a acolher-nos. Por quanto tempo qualquer um de vocês tolerar-me-ia se eu os insultasse? Aquele em cuja mente não existe ira, ódio ou inveja, que nunca perde o controle, morre, ou nasce, quem é ele senão Deus? Mas o caminho para Deus é longo e difícil, e poucas pessoas realizam-no. Somos todos bebês esforçando-nos. Milhões de pessoas fazem um comércio da religião. Poucos homens em um século realizam este amor de Deus, e o país inteiro torna-se abençoado e santificado. Quando um filho de Deus aparece, um país inteiro é abençoado. É verdade que poucos destes nascem em um século no mundo todo, mas todos deveriam batalhar para realizar este amor de Deus. Quem sabe se será você ou eu o próximo a realizar? Portanto, esforcemo-nos.

Dizemos que uma esposa ama seu marido. Ela pensa que toda a sua alma está absorta nele: um bebê vem, e metade dela vai para o bebê, ou mais. Ela mesma irá perceber que o mesmo amor pelo marido não existe mais. Assim como com o pai. Sempre descobrimos que quando objetos de amor mais intensos vêm a nós, o amor anterior, vagarosamente, esvaece-se. As crianças na escola pensam que alguns dos seus colegas são os seres mais queridos que eles já tiveram na vida, ou então seus pais ou mães; então vem o marido ou a esposa, e imediatamente, o antigo sentimento desaparece, e o novo amor torna-se predominante. Uma estrela nasce, uma outra maior vem, e então uma ainda maior, e por fim vem o sol, e todas as luzes mais fracas esvaecem. Este sol é Deus. As estrelas são os amores menores. Quando este Sol irrompe sobre ele, um homem fica louco, ou o que Emerson chama **“um homem intoxicado de Deus”**. O homem se torna transfigurado em Deus, tudo é fundido neste oceano de Amor. O amor comum é mera atração animal. De outra forma, por que esta distinção entre

sexos? Se alguém se ajoelha diante de uma imagem, é temível idolatria; mas se alguém se ajoelha diante de um marido ou uma esposa, é completamente permissível!

O mundo nos apresenta múltiplos estágios de amor. Precisamos primeiro limpar o terreno. Na nossa visão de vida, toda a teoria do amor irá residir. Pensar que este mundo é o alvo e a finalidade da vida é brutal e degenerador. Qualquer homem que comece na vida com esta idéia irá degenerar-se. Ele nunca se levantará mais alto, ele nunca irá pegar este vislumbre de trás, ele será sempre um escravo dos sentidos. Ele batalhará pelo dólar que irá dar-lhe alguns doces para comer. Melhor morrer do que viver esta vida. Escravos deste mundo, escravos dos sentidos, levantemo-nos; existe algo mais alto que esta vida dos sentidos. Você pensa que o homem, o Espírito Infinito nasceu para ser um escravo dos seus olhos, seu nariz e suas orelhas? Existe um Espírito Onisciente, Infinito por trás que pode fazer tudo, quebrar cada liame; e este Espírito é o que somos, e obtemos este poder através do amor. Este é o ideal que devemos lembrar-nos. É lógico, não podemos obtê-lo em um dia. Podemos fantasiar que nós o temos, mas é uma fantasia afinal de contas; é um longo, longo caminho para a saída. Devemos tomar o homem onde ele se encontra e ajudá-lo a subir. O homem se apega ao materialismo; eu e você somos materialistas. Falar sobre Deus e Espírito é bom; mas é simplesmente voga de nossa sociedade falar assim: aprendemos como papagaios e repetimos. Então, temos que assumir que somos materialistas, e devemos tomar a ajuda da matéria e continuarmos vagarosamente até que nos tornemos verdadeiros espiritualistas, sentamo-nos espíritos, entendamos o espírito e descubramos que este mundo que nós chamamos “o infinito” não é nada além de uma forma externa densa daquele mundo que está atrás.

Mas algo além disto é necessário. Você lê no Sermão da Montanha, **“Peça e ser-lhe-á concedido; procure e achará, bata e abrir-se-á”**. A dificuldade é: quem procura, quem quer? Nós todos dizemos que conhecemos Deus. Um homem escreve um livro para refutá-lo, um outro, para prová-lo. Um homem pensa que é a sua tarefa prová-lo durante toda a sua vida, um outro, refutá-lo, e ele se empenha em ensinar ao homem que não existe nenhum Deus. Qual é a utilidade de escrever-se um livro, seja para provar ou refutar a Deus? O que importa para a maioria das pessoas

se Deus existe ou não? A maioria dos homens trabalha como uma máquina sem nenhum pensamento de Deus e não sentindo nenhuma necessidade dele. Então um dia vem a Morte e diz, “Venha”. O homem diz, “Espere um pouquinho, eu quero um pouco mais de tempo. Eu quero ver o meu filho crescer um pouco mais”. Mas a Morte diz: “Venha já”. E assim vai. Assim vai o pobre João. O que devemos dizer ao pobre João? Ele nunca achou nada em que Deus fosse o mais alto; talvez ele tivesse sido um porco no passado, e ele é muito melhor como homem. Mas existem alguns que conseguem um pequeno despertar. Alguma miséria vem, alguém a quem mais amamos morre, aquilo sobre o qual tínhamos dedicado toda a nossa alma, pelo qual tínhamos traído o mundo todo e talvez nosso próprio irmão, isto se esvaece e o golpe nos atinge. Talvez uma voz venha em nossa alma e pergunte “E depois disto?” Algumas vezes a morte vem sem um golpe, mas tais casos são raros. A maioria de nós, quando algo escapa pelos nossos dedos, diz, “E depois?” Como nos agarramos aos sentidos! Você já ouviu de um homem afogando-se, agarrando-se a qualquer coisa em desespero, e quando ela falhar, ele dirá que alguém deve ajudá-lo. As pessoas ainda devem, como diz a frase inglesa, “semear sua aveia silvestre”¹, antes de poderem subir para coisas mais altas.

Bhakti é uma religião. Religião não é para a multidão, isto é impossível. Um pouco de genuflexões, “senta e levanta” pode ser apropriado para a multidão; mas a religião é para a minoria. Existem em cada país somente umas poucas centenas que podem ser, e serão religiosas. As outras não podem ser religiosas porque elas não serão e não querem ser despertadas. O principal é *desejar* a Deus. Nós desejamos tudo, exceto a Deus, porque nossos desejos ordinários são supridos pelo mundo externo; é somente quando nossas necessidades vão além do mundo externo que nós desejamos um suprimento do interno, de Deus. Enquanto nossas necessidades estiverem confinadas dentro dos limites estreitos do universo físico, não podemos ter nenhuma necessidade de Deus; somente quando nos tivermos saciado com tudo isto aqui é que iremos procurar um suprimento. Somente quando a necessidade existir é que a demanda virá. Aproveite esta brincadeira de criança que é o mundo, enquanto pode, e então você sentirá a necessidade de algo além do mundo, e o primeiro passo na religião será dado.

¹ Entregar-se às loucuras e aos prazeres da juventude

Existe uma forma de religião que está na moda: minha amiga tem muita mobília em sua sala e é moda ter um vaso japonês. Portanto, ela tem que ter um, mesmo que ele custe mil dólares. Da mesma forma ela terá um pouco de religião e juntar-se-á a uma igreja. Bhakti não é para tais pessoas. Isto não é desejar. Desejar é aquilo sem o qual não podemos viver. Nós desejamos respirar, nós desejamos comida, desejamos roupas; sem elas não podemos viver. Quando um homem ama uma mulher neste mundo, existem horas que ele sente que sem ela não pode viver, embora isto seja um engano. Quando o marido morre, a esposa pensa que ela não pode viver sem ele; mas ela vive assim mesmo. Este é o segredo da necessidade: é aquilo sem o qual não podemos viver; ele deve vir a nós ou morremos. Quando chegar a hora em que sentirmos o mesmo por Deus, ou em outras palavras, quando desejarmos algo além deste mundo, algo acima de todas as forças materiais, então, tornar-nos-emos Bhaktas. O que são nossas pequenas vidas quando, por um momento, a nuvem passa, e obtemos um vislumbre do além, e por aquele momento todos estes desejos inferiores parecem como uma gota no oceano? Então a alma cresce, e sente o desejo por Deus, e deve tê-lo.

O primeiro passo é: *O que* desejamos? Façamo-nos esta pergunta todo dia: desejamos a Deus? Você pode ler todos os livros do universo, mas este amor não é para ser obtido pelo poder da palavra, nem pelo mais alto intelecto, nem pelo estudo de várias ciências. Aquele que deseja Deus irá obter Amor, dentro do qual o Próprio Deus dar-se-á. O amor é sempre mútuo, reflexivo. Você pode odiar-me, e se eu desejar amá-lo, você irá repudiar-me. Mas se eu persistir, em um mês ou um ano, você estará inclinado a amar-me. É um fenômeno psicológico muito conhecido. Do jeito que a esposa apaixonada pensa no seu marido ausente, com o mesmo amor devemos desejar a Deus, e então o encontraremos, e todos os livros e as várias ciências não serão aptos a ensinar-nos nada. Ao ler livros, tornamo-nos papagaios; ninguém se torna culto lendo livros. Se um homem ler apenas uma palavra de amor, ele realmente torna-se culto. Portanto, queiramos primeiro obter este desejo.

Perguntemo-nos todo dia, “Desejamos a Deus?” Quando começarmos a falar de religião, e especialmente quando tomarmos uma

alta posição e começarmos a ensinar aos outros, devemos fazer-nos a mesma pergunta. Eu descobro muitas vezes que não desejo a Deus. Eu desejo mais o pão. Eu posso enlouquecer se eu não conseguir um pedaço de pão; muitas senhoras enlouquecerão se elas não tiverem um broche de diamante, mas elas não têm o mesmo desejo por Deus; elas não conhecem a única Realidade que está no universo. Existe um provérbio em nossa língua – “Se eu quero ser um caçador, eu caçarei o rinoceronte; se eu quero ser um ladrão, eu roubarei o tesouro do rei”. Qual é a utilidade de roubar mendigos ou caçar formigas? Portanto, se você deseja amar, ame a Deus. Quem se importa por estas pequenas coisas do mundo? O mundo é completamente falso; todos os grandes mestres do mundo descobriram isto; não existe nenhuma saída a não ser através de Deus. Ele é o objetivo de nossa vida; todas as idéias de que o mundo é o objetivo da vida são perniciosas. Este mundo e este corpo têm os seus próprios valores, um valor secundário, como meios para um fim; mas o mundo não deve ser a finalidade. Infelizmente, muitas vezes, fazemos do mundo o fim e de Deus o meio. Nós encontramos pessoas indo à igreja e dizendo, “Deus, dê-me isto e aquilo; Deus, cure a minha doença”. Eles desejam corpos saudáveis e bonitos; e porque eles ouvem que alguém fará este trabalho por eles, eles vão e rezam para Ele. É melhor ser um ateu do que ter tal idéia de religião. Como eu lhes disse, este Bhakti é o mais alto ideal; eu não sei se iremos ou não alcançá-lo nos milhões de anos por vir, mas devemos fazer dele o nosso mais alto ideal, fazer com que nossos sentidos visem ao mais alto. Se nós não pudermos chegar ao fim, ao menos chegaremos mais perto dele. Temos que trabalhar, vagarosamente, através do mundo e dos sentidos, para alcançar a Deus.

O MESTRE DA ESPIRITUALIDADE

Toda alma está destinada a ser perfeita e todo ser, no final, irá atingir este estado. O que quer que sejamos agora é o resultado do que tenhamos sido ou pensado no passado; e o que quer que sejamos no futuro será o resultado do que fizemos ou pensarmos agora. Mas isto não impede que recebamos ajuda de fora; as possibilidades da alma são sempre precipitadas por alguma ajuda externa, tanto que na maioria dos casos no mundo, ajuda externa é quase que absolutamente necessária. Uma influência estimuladora vem de fora, e atua sobre nossas potencialidades; e então o crescimento começa, a vida espiritual vem, e o homem torna-se santo e perfeito no final. Este impulso precipitador que vem de fora não pode ser haurido nos livros; a alma pode receber impulso somente de uma outra alma, e de nada mais. Podemos estudar os livros durante toda a nossa vida, podemos tornar-nos muito intelectuais, mas no final descobriremos que não desenvolvemos a espiritualidade. Não se segue que uma ordem mais alta de desenvolvimento intelectual mostre sempre um desenvolvimento equivalente do lado espiritual do homem; pelo contrário, quase todos os

dias nós descobrimos casos onde o intelecto tornou-se altamente desenvolvido às expensas do espírito.

Assim, no desenvolvimento intelectual, podemos obter muita ajuda dos livros, mas no desenvolvimento espiritual, quase nada. Ao estudar livros, algumas vezes somos iludidos a pensar que estamos sendo espiritualmente auxiliados; mas se nos analisarmos, descobriremos que somente o nosso intelecto foi auxiliado, e não o espírito. Esta é a razão pela qual cada um de nós pode *falar* maravilhosamente de assuntos espirituais, mas quando a hora da ação chega, descobrimo-nos desgraçadamente deficientes. É porque os livros não podem dar-nos este impulso. Para estimular o espírito, este impulso deve vir de uma outra alma.

A alma da qual este impulso vem, é chamada o Guru, o Mestre; e a alma para a qual o impulso é transmitido é chamada o Discípulo, o Estudante. De modo a transmitir este impulso, em primeiro lugar, a alma da qual ele vem deve possuir o poder de transmiti-lo, por assim dizer, para outro; e em segundo lugar, o objeto para o qual é transmitido deve estar pronto para recebê-lo. A semente deve ser viva, e o campo deve estar bem arado; e quando ambas condições tiverem sido preenchidas, um maravilhoso crescimento da religião terá lugar. Quem fala de religião deve ser maravilhoso, e assim deve ser o ouvinte; e quando ambos forem realmente maravilhosos e extraordinários, somente então, um esplêndido crescimento espiritual virá, não de outra forma. Estes são os verdadeiros mestres, e estes são os verdadeiros estudantes. Além destes, os outros estão brincando com a espiritualidade - apenas fazendo um pequeno esforço intelectual, satisfazendo uma pequena curiosidade - porém, permanecendo apenas do lado de fora, à margem do horizonte da religião. Há algum valor nisto; a verdadeira sede pela religião pode ser despertada assim; tudo vem no decorrer do tempo. É uma misteriosa lei da natureza, pois quando o campo estiver pronto a semente *deverá* vir, assim que a alma *desejar* religião, o transmissor da força religiosa *deverá* vir. “O pecador encontra o seu Salvador”. Quando a força que atrai a alma receptora estiver abundante e madura, a força que responde a esta atração *deverá* vir.

Mas existem grandes perigos no caminho. Existe o risco da alma receptora confundir sua emoção momentânea por um verdadeiro anseio religioso. Descobrimos isto em nós mesmos. Muitas vezes, em nossas vidas, alguém que nós amamos morre; recebemos um golpe; por um momento pensamos que este mundo está escapando por nossos dedos, e que queremos algo mais alto, e que seremos religiosos. Em poucos dias aquela onda passa e permanecemos onde estamos. Frequentemente confundimos tais impulsos com uma verdadeira sede por religião, mas, enquanto estas emoções momentâneas forem assim confundidas, aquele desejo real e contínuo da alma não virá, e não encontraremos o “transmissor”.

Portanto, quando reclamamos que não obtivemos a verdade, embora tanto a quiséssemos, ao invés de reclamar, nossa primeira tarefa deveria ser olhar dentro de nossas próprias almas e descobrir se nós *realmente* a desejamos. Na vasta maioria dos casos, descobriremos que não estamos em condições; que não desejamos; não havia nenhuma sede pelo espiritual.

Existem ainda mais dificuldades para o “transmissor”. Existem muitos que, embora imersos na ignorância, e ainda, no orgulho de seus corações, pensam que sabem tudo, e não param somente aí, se oferecem para levar os outros nos ombros, e assim “o cego guiando o cego, ambos precipitam-se no fosso”. O mundo está cheio destes; e todos querem ser um mestre; todo mendigo quer fazer uma doação de um milhão de dólares. Do jeito que este último é ridículo, assim são estes mestres.

Como reconheceremos um mestre, então? Em primeiro lugar, o sol não requer nenhuma tocha para fazer-se visível. Não acendemos uma vela para ver o sol. Quando o sol nasce, nós instintivamente nos conscientizamos de seu nascer; e quando um mestre dos homens vier para ajudar-nos, a alma irá instintivamente saber que encontrou a verdade. A verdade se sustenta em suas próprias evidências; não requer nenhum outro testemunho para atestá-la; ela é auto-efulgente. Ela penetra nos mais íntimos recessos de nossa natureza, e todo o universo fica de pé e diz: “Esta é a Verdade”. Estes são os verdadeiros mestres; porém, também podemos obter ajuda dos relativamente “menores”, e como nós mesmos não somos sempre suficientemente intuitivos para acertarmos no

juízo do homem do qual recebemos, deve haver certos testes. Existem certas condições necessárias ao estudante e também ao mestre.

As condições necessárias ao estudante são a pureza, uma sede verdadeira pelo conhecimento, e perseverança. Nenhuma alma impura pode ser religiosa; esta é a grande condição; pureza em todos os sentidos é absolutamente necessária. A outra condição é uma sede verdadeira pelo conhecimento. *Quem deseja?* Esta é a questão. Nós obtemos o que quer que desejemos - esta é uma lei antiga, muito antiga. Aquele que deseja, obtém. Desejar a religião é uma coisa muito difícil, não tão fácil como geralmente pensamos. Assim, sempre esquecemos que a religião não consiste em ouvir palestras, ou em ler livros; mas é, sim, um esforço contínuo, um combate com a nossa própria natureza, uma luta contínua até que a vitória seja alcançada. Não é uma questão de um ou dois dias, ou anos, ou de vidas, pode ser centenas de vidas inteiras, e devemos estar preparados para isto. Ela pode vir imediatamente, ou pode não vir em centenas de vidas; e devemos estar preparados para isto. O estudante que se prepara com tal espírito encontra o sucesso.

No mestre, devemos primeiro observar se conhece o segredo das escrituras. O mundo inteiro lê escrituras - Bíblias, Vedas, Corões, e outros; mas elas são somente palavras, arranjos externos, sintaxe, a etimologia, a filologia, os ossos secos da religião. O mestre deve estar apto a descobrir qual é a *idade (era)* de cada livro, mas as palavras são somente formas externas na qual as coisas vêm. Aqueles que lidam muito com palavras e deixam a mente correr sempre na força das palavras perdem o espírito. Portanto o mestre deve estar apto a conhecer o *espírito* das escrituras. A rede de palavras é como uma enorme floresta na qual a mente humana se perde e de onde não encontra nenhuma saída. Os vários métodos de juntar palavras, os vários métodos de falar uma bela língua, os vários métodos de explicar a **máxima** das escrituras, são somente para deleite dos eruditos. Eles não alcançam a perfeição; eles estão simplesmente desejosos de mostrar seu aprendizado, de modo que o mundo possa louvá-los e ver que são homens cultos. Você descobrirá que nenhum dos grandes mestres do mundo enveredou pelas várias explicações dos textos; da parte deles não há nenhuma tentativa de uma “tortura pelas palavras”, nenhum dizer “Esta palavra significa isto e esta é a conexão

psicológica entre esta e aquela palavra”. Estude todos os grandes mestres que o mundo produziu, e você verá que nenhum deles foi por este caminho. Entretanto, *eles* ensinaram, enquanto outros, que não têm nada a ensinar, tomam uma palavra e escrevem um livro de três volumes sobre sua origem e uso. Como meu Mestre² costumava dizer, o que você pensaria de homens que foram a um pomar de mangas e ocuparam-se em contar e examinar a cor das folhas, o tamanho dos gravetos, o número de galhos, e assim por diante, enquanto somente um deles teve o bom senso de começar a comer as mangas? Portanto, deixe esta contagem de folhas e de gravetos e este “tomar-notas” para outros. Este trabalho tem o seu próprio valor no lugar devido, mas não aqui no campo espiritual. Os homens nunca se tornaram espirituais através de tal trabalho; você nunca viu um homem fortemente espiritual entre estes “contadores de folhas”. Religião é a mais alta meta do homem, a mais alta glória, mas não requer “contagem de folhas”. Se você quer ser um Cristão, não é necessário saber se Cristo nasceu em Jerusalém ou Belém ou a data exata em que ele pronunciou o Sermão da Montanha; você só precisa *sentir* o Sermão da Montanha. Não é necessário ler duas mil palavras sobre quando ele foi dito. Todas estas coisas são para deleite dos eruditos. Deixe que eles as tenham; diga amém para isto. *Vamos comer as mangas.*

A segunda condição necessária ao mestre é que ele deve ser sem pecado. A pergunta me foi feita uma vez por um amigo na Inglaterra: “Porque devemos olhar a personalidade de um mestre? Devemos somente julgar o que ele diz, e aproveitar isto”. Não é assim. Se um homem quer ensinar-me algo de dinâmica ou química ou qualquer outra ciência física, ele pode ter qualquer caráter; ele ainda pode ensinar dinâmica ou outra ciência qualquer. Porque o conhecimento que as ciências físicas requerem é simplesmente intelectual e depende da força intelectual; um homem pode neste caso ter uma gigantesca força intelectual sem o mínimo desenvolvimento de sua alma. Mas nas ciências espirituais é impossível, do princípio ao fim, que possa haver qualquer luz espiritual em uma alma impura. O que pode tal alma ensinar? Ela não sabe nada. A verdade espiritual é pureza. ***“Abençoados os puros de coração, porque eles verão a Deus”***. Nesta única sentença está a essência de todas as religiões. Se você aprendeu isto, tudo o que foi dito no passado e tudo o que será

² Sri Ramakrishna

possível dizer no futuro, você já conheceu; você não precisa olhar em mais nada, porque você tem tudo que é necessário nesta única sentença; ela poderia salvar o mundo, onde todas as outras escrituras falharam. Uma visão de Deus, um vislumbre do além nunca vem até que a alma seja pura. Portanto, no mestre da espiritualidade, pureza é a única coisa indispensável; devemos *primeiro* ver o que ele *é*, e *então* o que ele *diz*. Mas não é assim com os mestres intelectuais; aqui podemos preocupar-nos mais com o que ele diz do que com o que ele *é*. Com o mestre de religião, antes de qualquer coisa, devemos ver o que ele *é*, e somente então vem o valor das palavras, porque ele *é* o transmissor. O que irá ele transmitir, se ele não possuir a força espiritual? Para rir um pouco: se um aquecedor estiver quente, ele poderá transportar vibrações de calor, se não estiver, será impossível. Assim também é o caso com as vibrações mentais do mestre religioso, que ele transmite para a mente do estudante. É uma questão de transferência, e não de simplesmente estimular nossas faculdades intelectuais. Algum poder, real e tangível, sai do mestre e começa a crescer na mente do estudante. Portanto, a condição necessária é que o mestre deve ser verdadeiro.

A terceira condição é o motivo. Devemos ver que ele não ensina com segundas intenções, por nome, ou fama, ou qualquer outra coisa, mas simplesmente por amor, puro amor por você. Quando as forças espirituais são transmitidas do professor para o estudante, elas podem ser somente transportadas por meio do amor; não existe nenhum outro meio que possa transportá-las. Qualquer outro motivo, tais como ganho ou nome, destruiria imediatamente o meio de transporte; portanto tudo deve ser feito através do amor. Somente aquele que conheceu a Deus pode ser um mestre. Quando você perceber que estas condições foram preenchidas no mestre, você estará seguro; se elas não forem preenchidas, não é sábio aceitá-lo. Se ele não puder transmitir bondade, existe um grande risco de ele transmitir maldade algumas vezes. Devemos resguardar-nos disto; portanto, segue-se naturalmente que não podemos ser ensinados por qualquer um e por todos.

A pregação de sermões por arroios e pedras pode ser verdadeira como figura poética, mas ninguém pode pregar um único grão de verdade até que ele a tenha nele próprio. Para quem os arroios pregam sermões? Somente para aquela alma humana cujo lótus da vida já se abriu. Quando o

coração estiver aberto, ele poderá receber o ensinamento dos arroios e das pedras – ele pode obter algum ensinamento religioso de tudo isto; mas o coração fechado não verá nada senão arroios e pedras rolantes. Um cego pode ir a um museu, mas ele somente vem e vai; para que ele possa ver, seus olhos precisam primeiramente ser abertos. Este abridor de olhos da religião é o mestre. Com o mestre, portanto, nosso relacionamento é aquele do ancestral e do descendente; o mestre é o ancestral espiritual e o discípulo é o descendente espiritual. É muito bom falar de liberdade e independência, mas sem humildade, submissão, veneração e fé, não haverá nenhuma religião. É um fato significativo, que onde esta relação entre o mestre e o discípulo ainda existe, somente lá gigantes almas espirituais crescem; mas para aqueles que lançaram isto fora, a religião é transformada em diversão. Em nações e igrejas onde esta relação entre o mestre e o discípulo não é mantida, espiritualidade é quase uma quantidade desconhecida. Ela nunca vem sem este sentimento; não existe ninguém para transmitir e ninguém para quem se transmitir, porque eles são todos independentes. De quem eles podem aprender? E se eles vêm para aprender, eles vêm para *comprar* aprendizado. Dê-me o valor em dólares de uma religião; não posso eu pagar um dólar por ela? Religião não pode ser obtida desta maneira!

Não existe nada mais alto e santo do que o conhecimento que vem para a alma transmitido de um mestre espiritual. Se um homem se torna um perfeito Yogue ele se torna por si mesmo, mas não pode ser obtido em livros. Você pode ir e bater sua cabeça nos quatro cantos do mundo, procurar nos Himalaias, nos Alpes, no Cáucaso, no Deserto de Gobi ou no Sahara, ou no fundo do mar, mas ele não virá até que você encontre um mestre. Encontre o mestre, sirva-o como uma criança, abra o seu coração para sua influência, veja Deus manifestado nele. Sua atenção deve ser fixada no mestre como a mais alta manifestação de Deus; e à medida que a força de sua atenção concentrar-se ali, a figura do mestre como homem irá diluir-se; a moldura irá esvanecer, e o verdadeiro Deus restará lá. Aqueles que vêm para a verdade com tal espírito de veneração e amor - para eles o Senhor da verdade fala as mais lindas palavras. ***“Tira os sapatos do teu pé, porque o solo onde pisas é sagrado”***. Onde quer que o Seu nome seja pronunciado, este lugar é sagrado. Quão mais então é um homem que fala o Seu nome, e com que veneração nós devemos nos aproximar de um

homem do qual vêm as verdades espirituais? Este é o espírito no qual devemos ser ensinados. Tais mestres são poucos em número neste mundo, sem dúvida, mas o mundo nunca está totalmente sem eles. No momento em que estiver absolutamente privado destes, o mundo cessará de existir, tornar-se-á um inferno horrendo e só irá decair. Estes mestres são as boas flores da vida humana e mantêm o mundo; e é a força que é manifestada destes corações que mantêm os liames da sociedade intactos.

Além destes, existe um outro conjunto de mestres, os Cristos do mundo. Estes Mestres de todos os mestres representam o Próprio Deus na forma de homem. Eles são muito maiores; eles podem transmitir espiritualidade com um toque, com um desejo, o que torna, até mesmo os mais baixos e mais degradados, santos em um segundo. Você não lê como eles costumavam fazer estas coisas? Eles não são os mestres sobre os quais eu estava falando; eles são os Mestres de todos os mestres, as maiores manifestações de Deus para o homem; não podemos ver Deus, exceto por eles. Não podemos evitar adorá-los, e eles são os únicos seres que devemos adorar.

Nenhum homem “vê” Deus, exceto como Ele é manifestado no Filho. Não podemos ver Deus. Se tentarmos vê-lo, faremos uma caricatura horrenda de Deus. Existe uma história hindu que conta que foi pedido a um homem ignorante que fizesse uma imagem do Deus Shiva, e após alguns dias de esforço ele fez a imagem de um macaco. Portanto, sempre que tentamos fazer uma imagem de Deus, fazemos sua caricatura, porque não podemos entendê-lo como nada mais alto que o homem, porque somos homens. Virá o tempo quando iremos transcender nossa natureza humana e conhecê-lo como ele é; mas, enquanto homens, nós devemos adorá-lo no homem. Podemos falar e tentar, mas não podemos ver Deus exceto como um homem. Podemos fazer grandes palestras intelectuais, tornarmo-nos grandes racionalistas, e provar que estes contos de Deus são todos sem sentido, mas vamos ao senso prático. O que está por trás deste notável intelecto? Zero, nada, simplesmente conversa fiada. Da próxima vez que você ouvir um homem proferir grandes palestras intelectuais contra este culto de Deus, interrompa e pergunte-lhe qual é a sua idéia de Deus, o que ele quer dizer por “onipotência”, e “onisciência” e “amor onipresente”, e assim por diante, além do pronunciar das palavras. Ele não quer dizer nada,

ele não pode formular uma idéia, ele não é melhor que o homem na rua que não leu um único livro. Contudo, aquele homem na rua, está quieto e não perturba o mundo, enquanto os argumentos do outro homem causam inquietação. Ele não tem nenhuma percepção real, e ambos estão no mesmo plano.

Religião é realização, e você deve fazer a mais aguda distinção entre conversa e realização. O que você percebe na alma é realização. O homem não tem nenhuma idéia do Espírito, ele tem que pensar nele com as formas que ele tem diante de si. Ele tem que pensar nos céus azuis, ou nos vastos campos, no mar, ou alguma coisa enorme. De que outra forma você pode pensar em Deus? Portanto, o que você está fazendo na realidade? Você está falando de onipresença, e pensando no mar. É Deus o mar? É necessário um pouquinho mais de bom senso. Nada é tão incomum quanto o bom senso, o mundo está muito cheio de conversa. Uma trégua para todo este frívolo argumento do mundo. Estamos limitados e obrigados pela nossa atual constituição, a ver Deus como um homem. Se os búfalos quisessem adorar a Deus, eles o veriam como um enorme búfalo. Se um peixe quiser adorar a Deus, ele terá que pensar nele como um grande peixe. Eu e você, o búfalo, o peixe, cada um representa diferente recipiente. Todos eles vão ao mar para serem preenchidos com a água, de acordo com a forma de cada recipiente. Em cada um desses recipientes não existe nada além de água. Assim é com Deus. Quando os homens o vêem, eles o vêem como homem, e os animais como animal - cada um de acordo com seu ideal. Esta é a única forma em que você pode vê-lo; você tem que adorá-lo como homem, porque não existe outra forma. Duas classes de homens não adoram a Deus como homem - o homem bruto que não tem religião, e o Paramahansa (mais alto Yogue) que foi além da humanidade, que se livrou da sua mente e corpo e foi além dos limites da natureza. Toda a natureza se tornou o seu Eu. Ele não tem nem mente nem corpo, e pode adorar a Deus como Deus, assim como podem um Jesus ou um Buddha. Eles não adoraram a Deus como homem.

O outro extremo é o homem bruto. Você sabe como dois extremos se parecem. Similar é o caso com o extremo da ignorância e o outro extremo do conhecimento; nenhum destes adora nada. O extremamente ignorante não adora a Deus, não sendo desenvolvido o suficiente para sentir a

necessidade de fazer tal. Aqueles que alcançaram o mais alto conhecimento também não adoram a Deus - tendo realizado e se tornado um com Deus. Deus nunca adora a Deus. Entre estes dois pólos da existência, se alguém lhe diz que não vai adorar Deus como homem, cuidado com ele. Ele é um falante irresponsável, ele está enganado; sua religião é para pensadores superficiais, um contra-senso intelectual.

Portanto, é absolutamente necessário adorar a Deus como homem, e abençoadas as raças que têm um “Deus-homem” para adorar. Os cristãos têm tal Deus-homem no Cristo; portanto agarre-se a Cristo; nunca desista de Cristo. Esta é a maneira natural de ver Deus; ver Deus no homem. Todas as nossas idéias de Deus estão concentradas ali. A grande limitação que os Cristãos têm é que eles não dão ouvidos a outras manifestações de Deus, além do Cristo. Ele foi uma manifestação de Deus; assim como o foi Buddha; assim como foram alguns outros e haverá centenas de outros. Não limite Deus a nenhum lugar. Pague todas as reverências que você acha que deve para Deus, para Cristo; este é a única adoração que você pode ter. Deus não pode ser adorado; Ele é o Ser Imanente do universo. É somente para sua manifestação como homem que podemos orar. Seria muito bom se quando os Cristãos rezassem, dissessem “em nome do Cristo”. Seria sábio parar de rezar para Deus, e rezar somente para Cristo. Deus entende as fraquezas humanas e se torna um homem para fazer bem para a humanidade. ***“Onde quer que a virtude decline e a imoralidade prevaleça, então eu virei para ajudar a espécie humana”***, diz Krishna. Ele também diz, ***“Tolos, não sabendo que Eu, o Deus Onipotente e Onipresente do universo, tomei a forma humana, escarnecem de Mim e pensam que não pode ser”***. Suas mentes foram toldadas com ignorância demoníaca, e então eles não podem ver nele o Senhor do Universo. Estas grandes Encarnações de Deus são para serem adoradas. Não apenas isto, somente elas podem ser adoradas; e nos dias do seu nascimento, e nos dias em que eles deixaram este mundo, devemos prestar uma reverência particular para eles. Ao adorar a Cristo eu preferiria adorá-lo da forma que ele deseja; no dia do seu nascimento eu preferiria adorá-lo jejuando, festejando, orando. Quando pensamos neles, estes grandes, eles se manifestam em nossas almas, e nos fazem como eles. Toda a nossa natureza muda e nos tornamos como eles.

Mas você não deve confundir Cristo com Buddha, com duendes voando pelo ar e toda esta espécie de contra-senso. Sacrilégio! Cristo vindo em uma seção espírita para dançar! Eu vi esta pretensão neste país. Não é desta forma que estas manifestações de Deus vêm. O próprio toque de um deles irá manifestar-se em um homem; quando Cristo *toca*, a alma do homem muda de tal forma, que ele transfigurar-se-á como ele foi. Toda a sua vida será espiritualizada; de cada poro do seu corpo a força espiritual irá emanar. O que eram os grandes poderes de Cristo nos milagres e cura, em seu caráter? Eram coisas baixas, vulgares que ele não podia evitar, porque ele estava entre seres vulgares. Onde estavam sendo realizados estes milagres? Entre os Judeus; e os Judeus não o aceitaram. Aonde não foram? À Europa. A realização de milagres foi para os Judeus, que rejeitaram Cristo, e o Sermão da Montanha para a Europa, que o aceitou. O espírito humano aceitou o que era verdadeiro e rejeitou o que era espúrio. A grande força de Cristo não está em seus milagres ou suas curas. Qualquer tolo poderia fazer aquelas coisas. Tolos podem curar outros, demônios podem curar outros. Eu tenho visto homens demoníacos e horríveis realizando milagres maravilhosos. Eles parecem tirar frutas da terra. Eu tenho visto homens tolos e demoníacos dizer o passado, presente e futuro. Eu tenho visto homens tolos e diabólicos curar com um olhar, pelo desejo, doenças terríveis. Estes têm poderes, sem dúvida, mas, freqüentemente, poderes demoníacos. O outro é o poder espiritual de Cristo que viverá e tem sempre vivido um amor gigantesco, todo poderoso, e as palavras de verdade que ele pregou. A ação de curar o homem com um olhar foi esquecida, mas o seu dito, **“Abençoados os puros de coração”** ainda vive hoje. Estas palavras são um depósito de poder - inexaurível. Enquanto a mente humana perdurar, o nome de Deus não será esquecido, estas palavras irão rolar para lá e para cá, e nunca cessarão de existir. Estes são os poderes que Jesus ensinou, e os poderes que Ele tinha. O poder da pureza; este é um poder definitivo. Portanto, ao adorar a Cristo, ao orar para ele, devemos sempre lembrar o que estamos procurando. Não estas coisas tolas de demonstração de milagres, mas os maravilhosos poderes do Espírito, que tornam o homem livre, que lhe dão controle sobre toda a natureza, que tiram dele a insígnia da escravidão e mostram Deus nele.

A NECESSIDADE DE SÍMBOLOS

Bhakti é dividida em duas partes. Uma é chamada Vaidhi, formal ou cerimonial; a outra parte é chamada Mukhyâ, suprema. A palavra Bhakti cobre todo o terreno entre a mais baixa forma de adoração e a mais alta forma de vida. Toda a adoração que você vê em qualquer país do mundo, ou em qualquer religião, é governada pelo amor. Existe uma boa parte que é simples cerimônia; existe também uma boa parte, que embora não seja cerimônia, tampouco é amor, mas sim um estado inferior. Contudo, estas cerimônias são necessárias. A parte externa de Bhakti é absolutamente necessária para ajudar a alma para ir em frente. O homem comete um grande erro quando pensa que pode saltar de uma vez para o estado superior. Se um bebê pensa que ele pode ser um homem em um único dia, ele está enganado; e eu espero que você tenha sempre em mente este único ideal, que a religião não está em livros, nem no consentimento intelectual, nem no raciocínio. Razão, teorias, documentos, doutrinas, livros, cerimônias religiosas, tudo é *ajuda* para a religião; a religião em si consiste em *realização*. Todos dizemos, “Existe um Deus”. Você viu Deus? Esta é a questão. Você ouve um homem dizer, “Existe Deus no paraíso”. Você pergunta se ele o viu, e se ele disser que sim, você rirá dele e chamá-lo-á de louco. Para a maioria das pessoas, a religião é um tipo de assentimento intelectual, e não vai além de um documento. Eu não chamaria de religião. É melhor ser um ateu do que ter este tipo de religião. Religião não depende de nosso assentimento ou dissensão intelectuais. Você diz que existe uma alma. Você viu a alma? Como é que podemos ter almas, se não as vemos? Você tem que responder esta pergunta e descobrir o modo de ver a alma. Senão, é inútil falar de religião. Se qualquer religião for verdadeira, ela deve ser apta a mostrar-nos a alma e mostrar-nos Deus e a verdade em nós mesmos. Se você e eu lutarmos por toda a eternidade sobre uma destas doutrinas ou documentos, nunca iremos chegar a uma conclusão. As pessoas vêm lutando por uma eternidade, e qual é o resultado? O intelecto não pode chegar lá, afinal. Temos de ir além do intelecto; a prova da religião está na percepção direta. A prova da existência desta parede é que podemos vê-la; se você sentasse e argüísse sobre sua existência ou não existência por anos, você não poderia nunca chegar a qualquer conclusão; mas diretamente você a vê, é suficiente. Se todos os homens no mundo lhe dissessem que ela não existe, você não iria acreditar neles, porque você

sabe que a evidência de seus próprios olhos é superior a de todas as doutrinas e documentos no mundo.

Para ser religioso, você tem que primeiro atirar os livros janela afora. Quanto menos você ler livros, melhor para você; faça uma coisa de cada vez. É uma tendência nos países Ocidentais, nestes tempos modernos, fazer uma misturada no cérebro; todos os tipos de idéias não-assimiladas correm em revolta pelo cérebro e formam um caos sem nunca obter uma chance de assentar-se e cristalizar-se em uma forma definitiva. Em muitos casos, torna-se um tipo de enfermidade, mas isto não é religião. Depois, alguns querem uma sensação. Fale-lhes sobre fantasmas e pessoas vindo do Pólo Norte ou qualquer outro lugar remoto; com asas ou em qualquer outra forma, e que eles estão invisivelmente presentes e observando-os, e faça-os se sentirem misteriosos, então eles ficarão satisfeitos e irão para casa; mas dentro de vinte e quatro horas eles estarão prontos para uma sensação nova. Isto é o que alguns chamam religião. Este é o caminho para o manicômio, e não religião. O Senhor não é para ser alcançado pelos fracos, e todas estas coisas estranhas tendem a ser fraquezas. Portanto, não vá atrás delas; elas somente fazem as pessoas fracas, trazem desordem ao cérebro, enfraquecem a mente, desmoralizam a alma, e uma desordem sem esperança é o resultado. Você deve ter em mente que a religião não consiste em conversa, ou doutrinas, ou livros, mas em realização; não é aprender, mas *ser*. Todos conhecem o mandamento “não roubar”, mas o que ele significa? *Só aquele que não roubou o sabe*. Todos conhecem “não ofender”, mas qual o valor disto? Aqueles que não ofenderam realizaram o significado da não-ofensa, e com base nela construíram seu caráter. Religião é realização; e eu o chamarei de um adorador de Deus quando você estiver apto a realizar a idéia. Fora isto, é o pronunciar da palavra, e nada mais. É o poder da realização que faz a religião. Nenhuma quantidade de doutrinas ou filosofias ou livros éticos, com as quais você tenha entupido o seu cérebro, vai importar muito, somente o que você *é* ou o que você *realizou*. Portanto, devemos realizar a religião, e esta realização da religião é um longo processo. Quando os homens dizem algo muito alto e maravilhoso, todos eles pensam que irão obter aquilo, e não param um momento para considerar que eles terão que forjar o seu caminho até isto; todos eles querem saltar até lá. Se for o mais alto, vamos a ele. Nunca paramos para considerar se temos a força, e o resultado é que não fazemos

nada. Você não pode pegar um homem com um forcado e empurrá-lo para lá; temos todos que trabalhar gradualmente. Portanto, a primeira parte da religião é Vaidhi Bhakti, a fase inferior da adoração.

O que são estas fases inferiores da adoração? Elas são várias, de modo a atingir o estado onde nós podemos realizar, devemos passar pelo concreto - do mesmo modo que você vê as crianças aprenderem o concreto primeiro - e gradualmente ir para o abstrato. Se você disser a um bebê que cinco vezes dois são dez, ele não irá entender; mas se você trazer dez coisas e mostrar-lhe como cinco vezes dois são dez, ele irá entender. Religião é um processo longo e vagaroso. Somos todos bebês aqui; podemos ser velhos, e termos estudado todos os livros do universo, mas somos todos bebês espirituais. Aprendemos as doutrinas e dogmas, mas não realizamos nada em nossas vidas. Temos que começar agora no concreto, através das formas e palavras, orações e cerimônias; e destas formas concretas haverá milhares; uma forma não precisa ser para todo mundo. Alguns podem ser auxiliados por imagens, alguns não. Alguns requerem uma imagem externa, outros, uma dentro do cérebro. O homem que a põe dentro diz, “Eu sou um homem superior. Quando estiver dentro estará tudo certo; quando estiver fora, será idolatria, e eu a combaterei”. Quando um homem coloca uma imagem na forma de uma igreja ou um templo, ele pensa que ela é santa; mas quando ela está em forma humana, ele se objeta a ela.

Portanto, existem várias formas através da qual a mente irá tomar este exercício concreto; e então, passo a passo, iremos até o entendimento e realização abstratos. Novamente, a mesma forma não é para todos; existe uma forma que irá servir para você, e uma outra irá servir para alguém mais, e assim por diante. Todas as formas, embora levando à mesma meta, não podem ser para todos. Aqui está um outro erro que geralmente cometemos. Meu ideal não serve para você; e por que eu deveria forçá-lo em você? Minha maneira de construir igrejas ou ler hinos não se adapta a você; por que eu deveria forçá-la em você? Vá ao mundo e todo tolo irá dizer-lhe que esta forma é a única correta, que toda outra forma é diabólica, e ele é o único homem escolhido, jamais nascido no universo. Mas de fato, todas estas formas são boas e úteis. Assim como existem certas variedades na natureza humana, é necessário haver igual número de

formas na religião; e quanto mais existirem, melhor para o mundo. Se existirem vinte formas de religião no mundo, muito bem; se existirem quatrocentas, melhor ainda - haverá mais para escolher. Portanto, devemos ficar felizes quando o número de religiões e idéias religiosas aumentar e multiplicar-se; porque, então, elas incluirão todos os homens e ajudarão mais a humanidade. Quisera Deus que as religiões se multiplicassem até que cada homem tivesse sua própria religião, bem separada de qualquer outra! Esta é a idéia do Bhakti-Yogue.

A idéia final é que a minha religião não pode ser sua, ou a sua, minha. Embora a meta e o alvo sejam os mesmos, ainda, cada um tem que tomar uma estrada diferente, de acordo com as tendências de sua mente; e embora estas estradas sejam várias, elas devem ser todas verdadeiras, porque elas levam ao mesmo objetivo. Não pode ser que uma seja verdadeira e a outra não. A escolha de sua própria estrada é chamada na linguagem de Bhakti, Ishta, o caminho escolhido.

Depois, existem as palavras. Todos vocês ouviram falar do poder das palavras, quão maravilhosas elas são! Todo livro - a Bíblia, o Corão, e os Vedas - está repleto do poder das palavras. Certas palavras têm um poder maravilhoso sobre a humanidade. Novamente, existem outras formas, conhecidas como símbolos. Símbolos têm grande influência na mente humana. Mas os grandes símbolos na religião não foram criados indefinidamente. Descobrimos que eles são expressões naturais do pensamento. Pensamos simbolicamente. Todas as nossas palavras não são nada além de símbolos do pensamento atrás, e pessoas diferentes usam símbolos diferentes sem saber a razão. Estava tudo atrás, e estes símbolos estão associados com os pensamentos; e como o pensamento traz o símbolo para fora, então o símbolo, ao contrário, pode trazer o pensamento para dentro. Portanto, uma porção do Bhakti fala sobre estes vários assuntos dos símbolos, palavras e orações. Toda religião tem orações, mas uma coisa você deve ter em mente: rezar por prosperidade ou saúde não é Bhakti, é tudo Karma ou ação meritória. Orar por qualquer ganho físico é simplesmente Karma, tal como uma oração para ir ao paraíso e assim por diante. Aquele que deseja amar a Deus, ser um Bhakta, deve descartar todas estas orações. Aquele que quer entrar nos domínios da luz deve primeiro desistir deste comprar e vender este “comércio” da

religião e, então, adentrar os portões. Não é que você não obtém aquilo por que orou, você obtém tudo, mas tal orar é uma religião de mendigos. “Tolo é na realidade aquele que, vivendo às margens do Ganges, cava um pequeno poço para obter água. É um tolo na realidade, aquele que chegando a uma mina de diamantes, procura por contas de vidro”. Este corpo morrerá um dia. Então, qual a utilidade de orar mais e mais por sua riqueza e saúde? O que há na riqueza e na saúde? O homem mais abastado pode usar e apreciar somente uma pequena parte de sua riqueza. Nunca poderemos ter todas as coisas deste mundo, e se não, quem se importa? Este corpo irá, quem se importa com estas coisas? Se coisas boas vierem, bem-vindas; se elas forem embora, deixe-as ir. Abençoadas são elas quando vêm, e abençoadas são quando elas vão. Estamos batalhando para chegar na presença do Rei dos reis. Não podemos chegar lá na roupa de um mendigo. Mesmo se quiséssemos ficar na presença de um imperador, seríamos admitidos? Certamente não. Seríamos expulsos. Este é o Imperador dos imperadores, e nestes trapos de mendigo não podemos entrar. Comerciantes nunca têm admissão lá; comprar e vender não têm lugar lá. Como você lê na Bíblia, Jesus expulsou os vendedores e compradores do Templo. Não ore por coisas pequenas. Se você procurar somente confortos corporais, onde estará a diferença entre homens e animais? Pensem um pouco mais alto que isto.

Então, desnecessário dizer que a primeira tarefa para tornar-se Bhakta é desistir dos desejos do paraíso e outras coisas. A questão é como se livrar destes desejos? O que faz os homens miseráveis? Porque eles são escravos, presos pelas leis, marionetes na mão da natureza, jogados como brinquedos. Estamos continuamente cuidando deste corpo, que qualquer coisa pode derrubar; então estamos vivendo em um constante estado de medo. Eu li que um veado tem que correr uma média de sessenta ou setenta milhas todo dia, porque ele está assustado. Devemos saber que estamos em situação pior que o veado. O veado tem algum descanso, mas não temos nenhum. Se o veado comer grama o suficiente ele ficará satisfeito, mas estamos sempre multiplicando nossos desejos. É um desejo mórbido conosco multiplicar nossos desejos. Tornamo-nos tão desequilibrados e não-naturais, que nada natural irá satisfazer-nos. Estamos sempre às voltas com coisas mórbidas, devemos ter excitação não-natural - comida não-natural, bebida, ambiente e vida. Quanto ao medo, o que são nossas vidas,

senão conjuntos de medos? O veado tem somente uma classe de medo, tais como os tigres, lobos, etc. O homem tem todo o universo para temer.

Como libertar-nos disto é a questão. Os utilitaristas dizem, “Não fale de Deus e tudo o mais; não sabemos nada destas coisas, deixe-nos viver alegremente neste mundo”. Eu seria o primeiro a fazer isto se nós pudéssemos, mas o mundo não nos permitiria. Enquanto você for um escravo da natureza, como você poderá? Quanto mais você esforçar-se, mais enredado você ficará. Você vem arquitetando planos para ser feliz, eu não sei por quantos anos, mas cada ano parece ficar pior. Duzentos anos atrás no velho mundo, as pessoas tinham poucos desejos; mas se seu conhecimento aumentou em progressão aritmética, seus desejos aumentaram em progressão geométrica. Pensamos que na salvação ao menos os nossos desejos serão satisfeitos, então desejamos ir para o paraíso: esta sede eterna e insaciável! Sempre querendo algo! Quando um homem é um mendigo, ele quer dinheiro. Quando ele tem dinheiro, ele quer outras coisas, sociedade; e depois disto, algo mais. Nunca descansa. Como iremos saciar isto? Se formos para o paraíso, o desejo irá somente crescer. Se um homem pobre fica rico, ele não sacia seus desejos, é somente como jogar manteiga no fogo, aumentar suas chamas brilhantes. Ir para o paraíso significa tornarmo-nos intensamente mais ricos, e então, o desejo vem mais e mais. Nós lemos sobre muitas coisas humanas no paraíso e nas diferentes Bíblias do mundo; elas nem sempre são muito boas lá; e depois de tudo, este desejo de ir para o paraíso é um desejo à procura de gozo. Devemos desistir disto. É uma coisa muito pequena e vulgar você pensar em ir para o paraíso. É o mesmo que pensar “Eu me tornarei um milionário e senhor do povo”. Existem muitos destes paraísos, mas através deles você não pode ganhar o direito de entrar nos portões da religião e amor.

OS PRINCIPAIS SÍMBOLOS

Existem duas palavras em Sânscrito, Pratika e Pratimâ. Pratika significa vir à frente, aproximar-se. Em todos os países você encontra vários graus de adoração. Neste país, por exemplo, existem pessoas que adoram imagens de santos, existem pessoas que adoram certas formas e símbolos. Ainda, existem pessoas que adoram seres diferentes, que são mais altos que os homens, e seu número está crescendo muito rapidamente - adoradores de espíritos desencarnados. Eu li que existe algo como oito milhões deles aqui. Também, existem outras pessoas que adoram certos seres de grau mais alto - os anjos, os deuses, e assim por diante. Bhakti-Yoga não condena nenhum destes vários graus, mas eles estão todos classificados sob um nome, Pratika. Estas pessoas não estão adorando a Deus, mas Pratika, algo que está próximo, um passo em direção a Deus. Esta adoração de Pratika não pode levar-nos à salvação e liberdade; pode dar-nos somente coisas particulares, pelas quais os adoramos. Por exemplo, se um homem adorar seus antepassados ou amigos mortos, ele pode obter certos poderes ou certas informações deles. Toda dádiva em particular que é obtida destes objetos de adoração é chamada Vidyâ, conhecimento específico; mas a liberdade, a mais alta meta, vem somente com a adoração do próprio Deus. Alguns orientalistas pensam, ao explicar os Vedas, que até mesmo o Próprio Deus Pessoal é um Pratika. O Deus Pessoal pode ser um Pratika, mas os Pratikas não são nem Deus Pessoal nem Impessoal. Eles não podem ser adorados como Deus. Assim, seria um grande erro as pessoas pensarem que, pela adoração destes diferentes Pratikas, sejam anjos, ancestrais ou Mahâtmãs (homens santificados, santos), etc., ou espíritos desencarnados, elas pudessem alcançar a liberdade. Na melhor das hipóteses, elas poderiam somente obter certos poderes, mas apenas Deus pode fazer-nos livres. Mas eles não devem ser condenados por causa disto, porque o seu culto produz algum resultado. O homem que não entende nada mais alto pode obter algum poder, algum

gozo, pela adoração destes Pratikas; e após um longo curso de experiência, quando ele estiver pronto para a liberdade, ele irá, por vontade própria, desistir dos Pratikas.

Destes vários Pratikas, a forma prevalecente é a adoração de amigos desencarnados. A natureza humana - o amor pessoal, o amor pelos nossos amigos - é tão forte em nós, que quando eles morrem, desejamos vê-los uma vez mais - agarrando-nos a suas formas. Esquecemos que, enquanto viviam, estas formas estavam constantemente mudando, e quando morreram, pensamos que se tornariam constantes, e que também nos tornaríamos. Não somente isto, mas se eu tive um amigo ou um filho que foi um patife, assim que ele morre, começo a pensar que ele é a pessoa mais santa na existência; ele torna-se um deus. Existem pessoas na Índia, que, se um bebê morre, eles não o cremam, mas enterram-no e constroem um templo sobre ele; e aquele pequeno bebê torna-se o deus daquele templo. Esta é uma forma muito prevalecente de religião em muitos países, e não faltam filósofos que pensem que esta foi a origem das religiões. É claro que eles não podem prová-lo. Devemos lembrar-nos, contudo, que esta adoração dos Pratikas não pode nunca trazer-nos a salvação ou a liberdade.

Em segundo, é muito perigoso. O perigo é que, estes Pratikas, “estágios de aproximação”, enquanto levam-nos um estágio à frente, são muito bons; mas as chances são de noventa e nove para um que iremos atar-nos aos Pratikas durante todas as nossas vidas. É muito bom nascer em uma igreja, mas é muito ruim morrer lá. Para ficar mais claro, é muito bom nascer em certa seita e ter o seu treinamento - ela traz à tona nossas qualidades mais altas; mas na vasta maioria dos casos, morremos naquela pequena seita, nunca saímos ou crescemos. Este é o grande perigo de todos estes cultos dos Pratikas. Alguém diz que estes são todos estágios pelos quais tem que se passar, mas nunca se sai deles; e quando este alguém envelhece ainda ata-se a eles. Se um jovem não vai à igreja ele deve ser condenado. Mas se um homem velho vai à igreja, ele também deve ser condenado; ele não tem mais nada a ver com este brinquedo de criança; a igreja deveria ter sido meramente uma preparação para algo mais alto. O que mais ele tem a ver com formas e Pratikas e todas estas preliminares?

A adoração aos livros é uma outra forma forte deste Pratika, a forma mais forte. Você descobre, que em todos os países o livro torna-se o Deus. Existem seitas em meu país que acreditam que Deus encarna e torna-se homem, mas, mesmo Deus encarnado como homem, deveria conformar-se aos Vedas, e se os seus ensinamentos não se ajustarem, eles não o acreditarão. Buddha é adorado pelos Hindus, mas se você disser-lhes, “Se vocês adoram Buda, por que não tomam seus ensinamentos?” Dirão por que eles, os Budistas, negam os Vedas? Tal é o significado da adoração ao livro. Qualquer número de mentiras em nome de um livro religioso está tudo bem. Na Índia, se seu quero ensinar algo novo, e simplesmente afirmá-lo como minha própria autoridade, como o que eu penso, ninguém virá ouvir-me; mas se eu tomar alguma passagem dos Vedas, e fazer malabarismos com ela, e dar-lhe o significado mais impossível, assassinar tudo que é razoável nela, e trazer à tona minhas próprias idéias como as idéias que foram significadas pelos Vedas, uma multidão de tolos seguir-me-á. Ainda, existem homens pregando um tipo de Cristianismo que tiraria o juízo do cristão comum; mas eles dizem, “Isto é o que Jesus Cristo quis dizer”, e muitos ficarão ao seu redor. As pessoas não querem nada novo, se não estiver nos Vedas ou na Bíblia. É um caso de nervos; quando você ouve algo novo e impressionante, você fica chocado; ou quando você vê algo novo, você fica chocado; é constitucional. É ainda mais com os pensamentos. A mente funciona em sulcos, e assimilar uma idéia nova é um esforço demasiado, então, a idéia tem de ser colocada perto dos sulcos, e então, vagarosamente, iremos assimilá-la. É uma boa política, mas moralidade má. Pense na massa de incongruência que os reformadores, e o que vocês chamam de pregadores liberais, despejam na sociedade hoje. De acordo com os cientistas cristãos, Jesus foi um grande curandeiro; de acordo com os espiritualistas, ele foi um grande paranormal; de acordo com os teosofistas, ele foi um Mahâtmâ. Tudo isto teve que ser deduzido do mesmo texto. Existe um texto nos Vedas que diz, “Somente Existência (Sat) existia, Oh, bem-amado, nada mais existia no início”. Muitos significados diferentes são dados para a palavra Sat neste texto. Os Atomistas dizem que a palavra significa “átomos”, e destes átomos o mundo foi criado. Os naturalistas dizem que ela significa “natureza”, e que desta natureza todas as coisas vieram. Os Shunyavâdins (mantenedores do

Vazio) dizem que significa “nada”, “zero”, e do nada todas as coisas foram criadas. Os Teístas dizem que ela significa “Deus”, e os Advaitas dizem que é “Existência Absoluta”, e todos se referem ao mesmo texto como sua autoridade.

Estes são os defeitos da adoração ao livro. Mas existe, por outro lado, uma grande vantagem nisto: dá-lhe força. Todas as seitas religiosas desapareceram, exceto aquelas que têm um livro. Nada parece aniquilá-las. Alguns de vocês ouviram falar dos parsis. Eles eram os persas antigos, e houve um tempo que existiram centenas de milhões deles. A maioria deles foi conquistada pelos árabes, e convertida ao Islamismo. Um punhado deles fugiu de seus perseguidores com seu livro, que ainda está preservando-os. Um livro é a forma mais tangível de Deus. Pense nos judeus; se eles não tivessem tido um livro, eles teriam simplesmente se dissolvido no mundo. Mas isto os mantêm em pé; o Talmude os mantém juntos, a despeito da mais horrível perseguição. Uma das grandes vantagens de um livro é que ele cristaliza tudo em uma forma conveniente e tangível, e é o mais acessível de todos os ídolos. Simplesmente coloque um livro em um altar e todos o vêem; um bom livro todos lêem. Eu temo ser considerado parcial. Mas, em minha opinião, os livros produziram mais mal do que bem. Eles são responsáveis por muitas doutrinas enganosas. Todos os credos vêm dos livros, e os livros são os únicos responsáveis pela perseguição e fanatismos no mundo. Os livros dos tempos modernos estão produzindo mentirosos em todos os lugares. Eu estou espantado com o número de mentirosos em todos os países no exterior.

A próxima coisa a ser considerada é o Pratima, ou imagem, o uso de imagens. Em todo o mundo você encontrará imagens em uma forma ou outra. Com algumas, é na forma de um homem, que é a melhor forma. Se eu quisesse adorar uma imagem eu preferiria fazê-la na forma de um homem a de um animal, ou construção, ou qualquer outra forma. Uma seita pensa que uma determinada forma é a imagem certa, e uma outra pensa que é ruim. Os Cristãos pensam que quando Deus veio em forma de uma andorinha estava tudo bem, mas se ele vier na forma de um peixe, como os Hindus dizem, é errado e supersticioso. Os judeus pensam que se um ídolo for feito na forma de um cofre com dois anjos sentados e um livro sobre ele, tudo bem, mas se ele estiver na forma de um homem ou uma mulher, é

terrível. Os maometanos pensam que quando eles rezam, se eles tentarem formar uma imagem mental do templo com a Caaba, a pedra negra sobre ela, e virar-se para o Ocidente, está tudo certo, mas se você formar a imagem na forma de uma igreja é idolatria. Este é o defeito da adoração da imagem. Ainda, todas parecem ser estágios necessários.

Neste assunto, é de suprema importância pensar no que nós mesmos acreditamos. O que realizamos, é a questão. O que Jesus, ou Buda, ou Moisés fizeram não é nada para nós, a menos que nós mesmos também o façamos. Não satisfaria nossa fome, fechar-nos em um quarto e pensar no que Moisés comia, nem o que Moisés pensava irá *salvar-nos*. Minhas idéias são muito radicais nestes pontos. Algumas vezes, eu penso que estou certo quando concordo com todos os mestres antigos, em outras eu penso que eles estão certos quando eles concordam comigo. Eu acredito em pensar independentemente. Eu acredito em tornar-me inteiramente livre dos mestres santos; preste-lhes todas as reverências, mas olhe para a religião como uma pesquisa independente. Eu tenho que descobrir a minha luz, assim como eles descobriram a deles. O seu (deles) achado da luz não nos satisfará absolutamente. Você tem que *se tornar* a Bíblia, e não segui-la, exceto ao prestar-lhe reverência como uma luz no caminho, como uma placa de sinalização, um marco: este é todo o valor que ela tem. Mas essas imagens e outras coisas são bastante necessárias. Você pode tentar concentrar a sua mente, ou mesmo projetar qualquer pensamento. Você descobrirá que você naturalmente forma imagens em sua mente. Você não pode evitar. Dois tipos de pessoas não requerem qualquer imagem - o animal humano que nunca pensa em qualquer religião, e o ser aperfeiçoado que passou por todos estes estágios. Entre esses dois pontos, todos nós requeremos algum tipo de ideal, externo e interno. Pode ser na forma de um ser humano desencarnado, ou uma mulher ou homem viventes. Isto está arraigado na personalidade, e é bastante natural. Estamos propensos a concretizar. Como poderíamos estar aqui se não concretizássemos? Somos espíritos concretizados e assim, nos encontramos aqui nesta terra. A concretização nos trouxe aqui e nos levará para fora. Ir atrás das coisas dos sentidos fez-nos seres humanos, e estamos destinados a adorar seres pessoais, o que quer que digamos em contrário. É muito fácil dizer “Não seja pessoal”; mas, o mesmo homem que diz isto é geralmente o mais pessoal. Seu apego por homens e mulheres em particular é muito forte; não

o deixa quando eles morrem, ele quer segui-los além da morte. Isto é idolatria; é a semente, a própria causa da idolatria, e, a causa estando ali, virá para fora de alguma forma. Não é melhor ter apego por uma imagem de Cristo ou Buda do que por um homem ou uma mulher comuns? No Ocidente, as pessoas dizem que é ruim ajoelhar-se diante de imagens, mas eles podem ajoelhar-se diante de uma mulher, e dizer, “Você é minha vida, a luz dos meus olhos, minha alma”. Isto é a pior idolatria. O que é esta conversa sobre minha alma, minha vida?”. Isto irá passar brevemente. É somente apego dos sentidos. É amor egoísta, coberto por um maço de flores. Os poetas dão-lhe um nome e lançam água de lavanda e todo o tipo de coisas atraentes sobre isto. Não é melhor ajoelhar-se diante de uma estátua de Buda ou do conquistador Jina e dizer “*Tu és minha vida*”? Eu preferiria fazer isto”.

Existe um outro tipo de Pratika que não é reconhecido nos países ocidentais, mas é ensinado em nossos livros. Este ensina a adoração da mente como Deus. Tudo que é adorado como Deus é um estágio, uma aproximação, por assim dizer. Um exemplo disto é o método de mostrar a estrela conhecida como Arundhati, perto das Plêiades. A alguém é mostrada uma grande estrela próxima a ela, e quando ele tiver fixado sua atenção naquela e vier a conhecê-la, uma estrela mais próxima e mais bela lhe é mostrada; e quando ele tiver fixado sua atenção naquela, ele é levado a Arundhati. Assim, todos estes vários Pratikas e Pratimas levam a Deus. A adoração a Buda e Cristo constitui um Pratika, uma esboço da adoração de Deus. Mas esta adoração a Buda ou Jesus não salvará o homem, ele deve ir além deles, para aquele que se manifestou como Jesus Cristo, porque, somente Deus pode dar-nos a liberdade. Existem até mesmo alguns filósofos que dizem que estes devem ser considerados como Deus; eles não são Pratikas, mas o Próprio Deus. Contudo, podemos tomar todos estes diferentes Pratikas, estes diferentes estágios de aproximação, e não sermos feridos por eles; mas se enquanto estivermos adorando-os, pensarmos que estamos adorando a Deus, estaremos enganados. Se um homem adora Jesus Cristo, e pensa que ele será salvo por isto, ele está completamente enganado. Se um homem pensa que, por adorar um ídolo ou os fantasmas e espíritos desencarnados, ele será salvo, ele está completamente enganado. Podemos adorar qualquer coisa vendo Deus *nela*, se pudermos esquecer o ídolo e ver Deus ali. Não devemos projetar uma imagem sobre Deus. Mas,

podemos preencher qualquer imagem com a vida, que é Deus. Simplesmente esqueça a imagem e você estará certo o suficiente - pois “dele vem tudo”. Ele é tudo. Podemos adorar um quadro como Deus, mas não Deus como o quadro. Deus na pintura está certo, mas a pintura como Deus está errada. Deus *na* imagem é perfeitamente certo. Não existe nenhum perigo ali. Esta é a verdadeira adoração de Deus. Mas o Deus-imagem é um mero Pratika.

A próxima grande coisa a considerar em Bhakti é a “palavra”, o Nâmashakti, o poder do nome. O mundo inteiro é composto de nome e forma. O que quer que vejamos, ou é um composto de nome e forma, ou simplesmente nome com forma que é a imagem mental. Assim, afinal de contas, não existe nada que não seja nome e forma. Todos cremos ser Deus sem forma ou formato, mas, assim que começamos a *pensar* nele. Ele adquire ambos, nome e forma. O Chitta é como o lago calmo, os pensamentos sendo como ondas sobre este Chitta - e o nome e forma são os modos normais nos quais estas ondas levantam-se, nenhuma onda pode levantar-se sem nome e forma. O uniforme não pode ser pensado; ele está além do pensamento; assim que ele se torna pensamento e matéria, ele deve ter nome e forma. Não podemos separar estes. É dito em muitos livros que Deus criou o universo da Palavra. Shabdabrahman, em Sânscrito, é a teoria Cristã da Palavra. Uma antiga teoria Hindu foi levada para Alexandria pelos pregadores Hindus e lá foi plantada. Assim, a idéia da Palavra e da Encarnação fixou-se lá.

Existe um significado profundo no pensamento que Deus criou tudo da Palavra. Sendo o Próprio Deus, sem forma, esta é a melhor maneira de descrever a projeção das formas, ou a criação. A palavra Sânscrita para criação é Srishti, projeção. O que se quer dizer com “Deus criou as coisas do nada”? O universo é projetado a partir de Deus. Ele torna-se o universo, e todo o universo retorna a ele, e novamente procede à frente, e novamente retorna. Por toda a eternidade será assim. Nós vimos que a projeção de qualquer coisa na mente não pode existir sem nome e forma. Suponha a mente perfeitamente calma, inteiramente sem pensamento; no entanto, assim que os pensamentos começam a surgir, ela irá imediatamente tomar nome e forma. Todo pensamento tem um certo nome e forma. Da mesma maneira, o próprio fato da criação, o próprio fato da projeção, está

eternamente conectado com nome e forma. Assim, descobrimos que toda idéia que o homem tem, ou pode ter, deve estar conectada com um certo nome ou palavra como seu par. Sendo assim, é bastante natural supor, que este universo é o resultado da mente, assim como o seu corpo é o resultado de sua idéia - sua idéia, por assim dizer, o fez concreto e externado. De mais a mais, se for verdade que o universo inteiro é construído no mesmo plano, então, se você souber a maneira na qual um átomo é construído, você pode entender como o universo inteiro é construído. Se for verdade que em você, o corpo forma a parte densa e a mente forma a parte sutil lá dentro, e ambas são eternamente inseparáveis, então, quando você cessar de ter um corpo, você cessará de ter uma mente também. Quando o cérebro de um homem é perturbado, suas idéias também se perturbam, porque eles são nada mais do que um, as partes mais densas e as mais sutis. Não existem duas coisas, tais como a matéria e a mente. Da mesma forma que, em uma alta coluna de ar existem estratos densos e rarefeitos de um e mesmo elemento ar, assim é com o corpo; é uma única coisa, todo o tempo, camada por camada, da mais densa até a mais fina. Além disto, o corpo é como as unhas dos dedos. Assim como elas continuam a crescer mesmo quando são cortadas, das nossas idéias sutis cresce corpo após corpo. Quanto mais fina for alguma coisa, mais persistente ela será; encontramos isto sempre. O mais denso é o menos persistente. Assim, forma é o mais denso, e nome, o estado mais sutil de um único poder manifestador chamado pensamento. Mas estes três são um; a Unidade e a Trindade, os três graus de existência da mesma coisa. Mais sutil, mais condensada e ainda mais condensada. Onde quer que um esteja, lá também estarão os outros. Onde quer que o nome esteja, haverá forma e pensamento.

Segue-se naturalmente, que, se o universo é construído no mesmo plano que o corpo, o universo também deve ter as mesmas divisões de forma, nome e pensamento. O “pensamento” é a parte mais sutil do universo, o verdadeiro poder motivador. O pensamento atrás de nosso corpo é chamado alma e o pensamento atrás do universo é chamado Deus. Então, depois disto está o nome, e, por fim, é a forma que vemos e sentimos. Por exemplo: você é uma pessoa em particular, um pequeno universo dentro deste universo; e além disto um nome, João ou Jane, e atrás disto novamente um pensamento; similarmente, existe este universo, e, atrás disto, está o nome, que é chamado a “Palavra” em todas as

religiões, e atrás disto está Deus. O pensamento universal é Mahat, como os Sâmkhyas o chamam, consciência universal. O que é aquele nome? Deve haver algum nome. A palavra é homogênea, e a ciência moderna mostra, sem sombra de dúvida, que cada átomo é composto de mesmo material que todo o universo. Se você conhecer um bocado de barro você conhecerá todo o universo. O homem é o ser mais representativo no universo, o microcosmo, um pequeno universo nele mesmo. Assim, no homem, descobrimos que existe a forma, atrás dela o nome, e atrás dela o pensamento, o ser pensante. Então, este universo deve ser exatamente no mesmo plano. A questão é: Qual é este nome? De acordo com os Hindus, esta palavra é Om. Os antigos egípcios também acreditavam nisto. O Khata Upanishad diz, “Aquilo que procura o homem que pratica Bramacharya, eu direi em poucas palavras o que isto é: isto é Om... Isto é Brahman, o Uno Imutável, e é o mais alto; conhecendo este Uno Imutável, o que quer que se deseje conseguir-se-á”.

Este Om representa o nome de todo o universo, ou Deus. Ficando no meio, entre o mundo externo e Deus, representa ambos. Mas então, podemos tomar o universo aos poucos, de acordo com os diferentes sentidos, como tato, como cor, ou paladar, e de várias outras maneiras. Em cada caso, podemos fazer deste universo, milhares de universos, a partir de diferentes pontos de vista, dos quais, cada um será um universo completo por si mesmo, e cada um terá um nome, e uma forma, e o pensamento atrás. Estes pensamentos atrás são Pratikas. Cada um deles tem um nome. Estes nomes de símbolos sagrados são utilizados em Bhakti-Yoga. Eles têm quase que infinito poder. Pela simples repetição destas palavras, podemos obter tudo o que desejamos, podemos chegar à perfeição. Mas duas coisas são necessárias. “O mestre deve ser maravilhoso, e assim deve ser o aprendiz”, diz o Katha Upanishad. Tal nome deve vir de uma pessoa, para a qual descendeu, através da sucessão direta. Do mestre para o discípulo, a corrente espiritual tem vindo desde tempos antigos, sustentando seu poder. A pessoa da qual esta palavra vem é chamada um Guru, e a pessoa para qual ela vai é chamada Shishya, o discípulo. Quando a palavra tiver sido recebida no modo regular, e quando for repetida, muito avanço terá sido feito no Bhakti-Yoga. Pela simples repetição desta palavra, virá até mesmo o mais alto estado de Bhakti. “Tu tens muitos nomes. Tu entendes o que eles significam, todos estes nomes

são teus, e em cada um está o teu divino poder; não há tempo nem lugar para repetir estes nomes, pois todos os tempos e lugares são santos. Tu és tão afável, tu és tão misericordioso, quão desafortunado sou eu, eu que não tenho nenhum amor por ti!”

ISHTA

A teoria de Ishta, a que eu me referi brevemente antes, é um assunto que requer atenção cuidadosa, porque, com um entendimento apropriado disto, todas as religiões do mundo podem ser entendidas. A palavra Ishta é derivada da raiz Ish, que significa desejar, escolher. O ideal de todas as religiões, todas as seitas, é o mesmo - alcançar a liberdade e o cessar da miséria. Onde quer que você encontre religião, você encontra este ideal trabalhando de uma forma ou outra. É claro que em estágios inferiores de religião ele não está tão bem expressado; mas ainda, bem ou mal expressado, é uma meta que toda religião aborda. Todos nós desejamos livrar-nos da miséria; estamos esforçando-nos para alcançar a liberdade - física, mental, espiritual. Esta é toda a idéia sobre a qual o mundo está trabalhando. Embora a meta seja uma e a mesma, pode haver vários meios de alcançá-la; e estes meios são determinados pelas peculiaridades de nossa natureza. A natureza de determinado homem é emocional, de outro, intelectual, de outro, ativa, e assim por diante. Ainda, na mesma natureza pode haver muitas subdivisões. Tome o amor o como exemplo com o qual somos especialmente preocupados neste assunto de Bhakti. A natureza de determinado homem tem um forte amor pelos filhos; outro tem pela esposa, outro pela mãe, outro pelo pai, outro pelos amigos. Um outro, por natureza, tem amor pela pátria, e uns poucos amam a humanidade no sentido mais pleno; eles são, é claro, muito poucos; embora cada um de nós fale disto como se fosse o poder motivador que guia nossas vidas. Alguns poucos sábios experimentaram isto. Entre a espécie humana, poucas grandes almas sentem este amor universal, e esperamos que este mundo nunca fique sem tais homens.

Descobrimos que mesmo em um único assunto, existem muitos meios diferentes de alcançar a sua meta. Todos os Cristãos acreditam em Cristo; mas pense, quantas explicações diferentes eles têm dele. Cada igreja o vê em uma luz diferente, de diferentes pontos de vista. Os olhos do Presbiteriano estão fixados naquela cena da vida de Cristo quando ele foi até os cobradores de impostos; ele o vê como um lutador. Se você perguntar a um Quacre, talvez ele diga, “Ele perdoou seus inimigos”. O Quacre toma este ponto de vista, e assim por diante. Se você perguntar a um Católico Romano qual o ponto da vida de Cristo que é mais bonito para ele, talvez ele diga, “Quando ele deu as chaves para Pedro”. Cada seita está sujeita a vê-lo a sua própria maneira.

Segue-se que haverá muitas divisões e subdivisões em um mesmo assunto. Pessoas ignorantes tomam uma destas subdivisões e tomam seu ponto de vista daí, e não somente negam o direito de todo homem interpretar o universo de acordo com sua própria luz, mas ousam dizer que os outros estão inteiramente errados, e que somente eles estão certos. Se eles são contrariados, eles começam a lutar. Eles dizem que matarão qualquer homem que não acredite no que eles acreditam, assim como os Maometanos fazem. Estas são pessoas que pensam que são sinceras, e que ignoram todos os outros. Mas qual é a posição que queremos tomar neste Bhakti-Yoga? Não somente que não diríamos aos outros que eles estão errados, mas diríamos que eles estão certos - todos estes que seguem seus próprios caminhos. Este caminho, que sua natureza torna absolutamente necessário seguir, é o caminho certo. Cada um de nós nasce com uma peculiaridade de natureza como um resultado de nossa existência passada. Que a chamemos de nossa experiência passada reencarnada ou um passado hereditário; de qualquer modo que você coloque, somos o resultado do passado - isto é absolutamente certo, quaisquer que sejam os canais por onde o passado possa ter vindo. Segue-se naturalmente que cada um de nós é um efeito, do qual o nosso passado foi a causa; e como tal, existe um movimento peculiar, uma seqüência peculiar, em cada um de nós; e, portanto, cada um terá que descobrir um caminho para si mesmo.

Este caminho, este método, para qual cada um de nós está naturalmente adaptado, é chamado o “caminho escolhido”. Esta é a teoria do Ishta, e aquele caminho que é nosso, nós chamamos nosso próprio Ishta.

Por exemplo, a idéia que determinado homem tem de Deus é que ele é o soberano onipotente do universo. Sua natureza talvez seja tal. Ele é um déspota que deseja governar todo mundo; ele naturalmente encontra Deus como um Soberano onipotente. Um outro homem, que talvez fosse um professor severo, não pode ver nenhum senão um Deus justo, um Deus de punição, e assim por diante. Cada um vê Deus de acordo com sua própria natureza; e esta visão, condicionada pela nossa própria natureza, é nosso Ishta. Colocamo-nos em uma posição donde podemos ter esta visão de Deus e, além disto, não podemos ter nenhuma outra visão. Algumas vezes você poderá pensar que o ensinamento de um homem é o melhor e adapta-se perfeitamente a você, e no dia seguinte você pedirá a um de seus amigos para ir ouvi-lo; mas ele volta com a idéia de que foi o pior ensinamento que ele já ouviu. Ele não está errado, é inútil discutir com ele. O ensinamento estava certo, mas não se adaptava àquele homem. Para estender um pouco mais, devemos entender que a verdade vista de diferentes pontos de vista pode ser verdade, e, entretanto, não a mesma verdade.

À primeira vista, isto pareceria uma contradição em termos, mas devemos lembrar que uma verdade absoluta é somente uma, enquanto verdades relativas são, necessariamente, várias. Tome sua visão do universo, por exemplo. Este universo, como uma entidade absoluta, é imutável, inalterado e o mesmo durante todo o tempo. Mas eu, você e todo mundo também ouvimos e vemos, cada um, o seu próprio universo. Tome o sol. O sol é um; mas quando eu e você e uma centena de outras pessoas ficamos em diferentes lugares e olhamos para ele, cada um vê um sol diferente. Não podemos evitar. Uma pequena mudança de lugar irá mudar toda a visão do sol de um homem. Uma pequena mudança na atmosfera irá formar ainda uma visão diferente. Assim, na percepção relativa, a verdade aparenta ser várias. Mas a Verdade Absoluta é somente uma. Portanto, não precisamos lutar com outros quando descobrimos que eles estão falando algo sobre religião, que não esteja exatamente de acordo com nossa visão dela. Devemos lembrar que ambos podem estar certos, embora aparentemente contraditórios. Pode haver milhões de raios convergindo em direção ao mesmo centro no sol. Quanto mais longe estiverem do centro, maior é a distância entre quaisquer dois. Mas quando todos eles se encontram no centro, toda a diferença esvaece. Existe tal centro, que é a

meta absoluta da humanidade: Deus. Nós somos os raios. As distâncias entre os raios são as limitações constitucionais, através das quais, exclusivamente, podemos ter a visão de Deus. Enquanto permanecermos neste plano, estaremos sujeitos, cada um de nós, a ter uma visão diferente da Realidade Absoluta; e como tal, todas as visões são verdadeiras, e nenhum de nós precisa discutir com o outro. A única solução reside em aproximar-se do centro. Se tentarmos acertar nossas diferenças pela argumentação ou discussão, iremos descobrir que podemos continuar por centenas de anos sem chegar a uma conclusão. A história prova isto. A única solução é marchar à frente e ir em direção ao centro; e quanto mais cedo fizermos isto, mais cedo nossas diferenças esvaecerão.

Esta teoria de Ishta, portanto, significa permitir ao homem escolher sua própria religião. Um homem não deveria forçar outro a adorar o que ele adora. Todas as tentativas de arrebanhar os seres humanos por meio de exércitos, força ou argumento, para conduzi-los desordenadamente ao mesmo invólucro e fazê-los adorar ao mesmo Deus falharam, e falharão sempre, porque é constitucionalmente impossível fazer tal. Além disso, existe o perigo de inibir o seu crescimento. Você, raramente, encontra qualquer homem ou mulher que não esteja procurando por algum tipo de religião; e quantos estão satisfeitos, ou melhor, quão poucos estão satisfeitos! Quão poucos encontram algo! E por quê? Simplesmente porque a maioria deles vai atrás de tarefas impossíveis. Eles são forçados dentro disto pelo ditado de outros. Por exemplo, quando eu sou uma criança, meu pai põe um livro em minha mão que diz que Deus é tal e tal. Que tem ele a ver para colocar isto em minha mente? Como ele sabe de que modo eu vou desenvolver-me? E sendo ignorante do meu desenvolvimento constitucional, ele quer forçar suas idéias no meu cérebro, com o resultado de que meu crescimento é atrofiado. Você não pode fazer uma planta crescer em solo impróprio. Uma criança ensina a si mesmo. Mas você pode *ajudá-la* a seguir o seu próprio caminho. O que você pode fazer não é de natureza positiva, mas negativa. Você pode tirar os obstáculos, mas o conhecimento vem de sua própria natureza. Afofe o solo um pouco, de modo que possa sair facilmente. Coloque uma sebe em volta; cuide para que não seja morta por nada, e ali o seu trabalho cessa. Você não pode fazer mais nada. O resto é manifestação de *dentro* de sua própria natureza. Assim é com a educação de uma criança; uma criança educa a si mesmo.

Você pode vir para ouvir-me, e quando você vai para casa, compare com o que você aprendeu, e você irá descobrir que pensou a mesma coisa; eu somente dei-lhe expressão. Eu nunca posso ensinar-lhe nada: você terá que ensinar a si mesmo, mas talvez eu possa ajudá-lo dando expressão àquele pensamento.

Portanto, em religião - ainda mais - eu devo ensinar a mim mesmo. Que direito tem o meu pai de colocar todos os tipos de besteiras na minha cabeça? Que direito tem o meu mestre ou a sociedade, de colocar coisas na minha cabeça? Talvez elas sejam boas, mas elas podem não ser o *meu* caminho. Pense no mal estarrecedor que está no mundo hoje, dos milhões e milhões de crianças inocentes pervertidas por modos errados de ensino. Quantas coisas bonitas, que teriam se tornado maravilhosas verdades espirituais foram cortadas pela raiz por esta idéia horrível de uma religião de família, uma religião social, uma religião nacional, e assim por diante. Pense na massa de superstição que está em sua cabeça neste momento sobre sua religião de infância, ou a religião do seu país, e na quantidade de mal que ela faz, ou pode fazer. O homem não sabe que poder potente existe atrás de cada pensamento e ação. O antigo ditado é verdadeiro, “Os tolos precipitam-se onde os anjos temem pisar”. Isto deveria ser mantido em vista desde o primeiro momento. Como? Por esta crença em Ishta. Existem tantos ideais; eu não tenho nenhum direito de dizer qual será o seu ideal, forçar qualquer ideal em você. Minha tarefa deveria ser somente colocar diante de você, todos os ideais que eu conheço e permitir que você veja, por sua própria constituição, qual você mais gosta, e qual é mais adequado a você. Tome aquele que mais lhe convém e persevere nele. Este é o seu Ishta, seu ideal especial.

Nós vemos que uma religião congregacional nunca pode existir. O *verdadeiro* trabalho da religião deve ser da conta de cada um. Eu tenho uma idéia própria, eu devo mantê-la sagrada e secreta, porque eu sei que ela não precisa ser sua idéia. Em segundo, por que deveria eu criar um distúrbio por querer dizer a todo mundo qual é a minha idéia? Outras pessoas viriam e combater-me-iam. Elas não podem fazer isto a menos que eu lhe diga; mas se eu for dizendo-lhes quais são minhas idéias, elas irão todas contradizer-me. Portanto, qual é a utilidade de falar sobre elas? Este Ishta deve ser mantido em segredo, é entre você e Deus. Todas as porções

teóricas da religião podem ser pregadas em público e tornadas congregacionais, mas a mais alta religião não pode ser tornada pública. Eu não posso preparar meus sentimentos religiosos a qualquer momento. Qual é o resultado desta momice e zombaria? É fazer da religião uma piada, a pior das blasfêmias. O resultado é o que você encontra em igrejas nos dias presentes. Como podem os seres humanos suportar este treinamento espiritual? É como os soldados em um quartel. Armas nos ombros, ajoelhar, pegar um livro, tudo exatamente regulado. Cinco minutos de sentimento, cinco minutos de razão, cinco minutos de oração, tudo arranjado de antemão. Estas momices desvirtuaram a religião. Deixe as igrejas pregarem doutrinas, teorias, filosofias à vontade, mas quando vem a adoração, a verdadeira prática de religião, deveria ser como Jesus diz, “Quanto tu orares, entra em teu quarto, e quando tu tiveres fechado a porta, ora ao teu Pai que está em segredo”.

Esta é a teoria do Ishta. É, praticamente, a única maneira de fazer a religião encontrar as necessidades das diferentes constituições, evitar discutir com outros, e fazer um verdadeiro progresso na vida espiritual. Mas eu devo alertá-lo para que você não interprete mal minhas palavras sobre a formação das sociedades secretas. Se existisse um demônio, eu procuraria por ele dentro de uma sociedade secreta - como a invenção das sociedades secretas. Elas são esquemas diabólicos. O Ishta é *sagrado*, não secreto. Mas em que sentido? Por que eu não deveria falar do meu Ishta para outros? Porque é minha coisa mais sagrada. Ele pode até ajudar os outros, mas como eu saberei se ele não irá antes feri-los? Pode haver um homem cuja natureza seja tal que ele não possa adorar a um Deus pessoal, mas pode adorar somente como um Deus Impessoal, o seu mais alto “eu”. Suponha que eu o deixe entre vocês, e ele lhes diga que não existe nenhum Deus Pessoal, mas somente Deus como o “eu” em você ou eu. Você ficará chocado. A idéia dele é sagrada, mas não secreta. Nunca houve uma grande religião ou um grande mestre que tenha formado sociedades secretas para pregar as verdades de Deus. Não existem tais sociedades secretas na Índia. Tais coisas são puramente Ocidentais em idéia, e meramente impingidas na Índia. Nunca soubemos nada a respeito delas. De fato, porque deveria haver sociedades secretas na Índia? Na Europa, às pessoas não era permitido falar uma palavra sobre religião que não estivesse em concordância com os pontos de vista da Igreja. Assim, elas

eram forçadas a rumar para as montanhas e esconder-se e formar sociedades secretas, de modo que pudessem seguir seu próprio tipo de adoração. Nunca houve um tempo na Índia em que o homem fosse perseguido por manter seus próprios pontos de vista sobre religião. Nunca houve sociedades religiosas secretas na Índia, assim, você deve desistir de uma vez de qualquer idéia deste tipo. Estas sociedades secretas sempre degeneraram nas mais horríveis coisas. Eu já vi o suficiente deste mundo para saber o mal que elas causam, e quão facilmente elas se transformam em sociedades fantasmas e de amor livre, como os homens favorecem outros homens ou mulheres, e como suas futuras possibilidades de crescimento em pensamento e ação são destruídas, e assim por diante. Alguns de vocês podem ficar descontentes comigo por falar desta forma, mas eu devo contar-lhes a verdade. Talvez apenas meia dúzia de homens e mulheres seguir-me-ão em toda a minha vida; mas eles serão verdadeiros homens e mulheres, puros e sinceros, e eu não quero uma multidão. O que podem fazer as multidões? A história do mundo foi feita por poucas dúzias, que você pode contar nos dedos, e o resto foi a ralé. Todas estas sociedades secretas e impostores fazem homens e mulheres impuros, fracos, e estreitos (mesquinhos); e os fracos não têm nenhuma determinação e não podem nunca trabalhar. Portanto, não tenha nada a ver com eles. Todo este falso amor de mistério deveria ser nocauteado na primeira vez que vier à sua mente. Ninguém minimamente impuro irá jamais se tornar religioso. Não tente cobrir chagas supurantes com maços de rosas. Você pensa que pode enganar a Deus? Ninguém pode. Dê-me um homem ou mulher honestos, mas Deus me livre de fantasmas, anjos voadores e demônios. Sejam comuns, todos os dias, boa gente.

Existe em nós tal coisa como o instinto, que nós temos em comum com os animais, um movimento mecânico reflexo do corpo. Existe ainda uma forma mais alta de orientação, que nós chamamos razão, quando o intelecto obtém fatos e então os generaliza. Existe uma forma ainda maior de conhecimento que nós chamamos inspiração, que não raciocina, mas sabe as coisas por lampejos. Esta é a forma mais alta de conhecimento. Mas, como a saberemos por instinto? Esta é a grande dificuldade. Todo mundo vem a você, hoje em dia, e diz que está inspirado, e alegam pretensões super-humanas? Como iremos distinguir entre inspiração e decepção? Em primeiro lugar, a inspiração não deve contradizer a razão. O

velho não contradiz a criança, ele é o desenvolvimento da criança. O que chamamos de inspiração é o desenvolvimento da razão. O caminho para a intuição é através da razão. Movimentos instintivos do corpo não se opõem à razão. Quando você atravessa uma rua, você instintivamente move o seu corpo para salvar-se dos carros. A sua mente diz a você que era tolo salvar o seu corpo daquela forma? Não. Similarmente, nenhuma inspiração genuína jamais contradiz a razão. Onde ela contradiz, não é inspiração. Em segundo, a inspiração deve ser para o bem de um e de todos, e não para o nome ou fama, ou ganho pessoal. Ela deve ser sempre para o bem do mundo, e perfeitamente altruísta. Quando estes testes forem preenchidos, você estará bastante seguro para tomá-la como inspiração. Você deve lembrar que não existe um em um milhão que seja inspirado, no estado atual do mundo. Eu espero que o seu número cresça. Estamos agora somente brincando com a religião. Com a inspiração começaremos a ter religião. Assim como São Paulo diz, “Por enquanto, vemos obscuramente através de um vidro, mas depois, face a face”. Mas no atual estado do mundo, eles são poucos e distantes entre aqueles que atingem aquele estado; ainda mais que talvez em nenhum outro período, houve tantos falsos clamores feitos na inspiração como agora. É dito que as mulheres têm faculdades intuitivas, enquanto que os homens arrastam-se vagorosamente pela razão. Não acredite nisto. Existem tantos homens inspirados quanto mulheres, embora as mulheres tenham mais tendência a formas peculiares de histeria e nervosismo. Melhor morrer como um incrédulo do que ser enganado por embusteiros e trapaceiros. O poder de raciocínio foi-lhe dado para ser usado. Mostre, então, que você o usou apropriadamente. Fazendo isto, você estará apto a cuidar de coisas mais altas.

Devemos lembrar sempre que Deus é amor. “Tolo é na realidade aquele que, vivendo às margens do Ganges, cava um pequeno poço para obter água. É um tolo na realidade, aquele que vivendo perto de uma mina de diamantes, desperdiça sua vida procurando por contas de vidro”. Deus é esta mina de diamantes. Nós somos tolos na realidade em desistir de Deus por lendas de fantasmas ou duendes voadores. É uma doença, um desejo mórbido. Viver em um medo mórbido incessante de duendes, ou estimular o apetite por milagres, degenera a raça e enfraquece os nervos; todas estas estórias selvagens sobre eles mantêm os nervos em tensão antinatural -

uma degeneração vagarosa e certa da raça. É degeneração pensar em desistir de Deus, pureza, santidade e espiritualidade para correr atrás de toda esta bobagem! Ler os pensamentos de outro homem. Se eu pudesse ler os pensamentos de cada um por cinco minutos eu enlouqueceria. Seja forte, mantenha-se em pé e procure o Deus de Amor. Esta é a mais alta força. Que poder é maior do que o poder da pureza? Amor e pureza governam o mundo. Este amor de Deus não pode ser alcançado pelo fraco; portanto, não seja fraco, seja física, mental, moral ou espiritualmente. Somente o Senhor é verdadeiro. Tudo o mais é falso; tudo o mais deveria ser rejeitado por causa do Senhor. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade. Sirva ao Senhor e somente a ele.